

## ARTIGOS

### **A TEORIA DA INTERTEXTUALIDADE E AS ESCRITURAS II: AVERIGUAÇÃO INTERTEXTUAL DE ZACARIAS 7:1 - 8:23**

**Paulo Alberto Barros Leite**

Capelão e professor de Ensino Religioso  
do Colégio Adventista de Vitória - Vitória, ES  
[paulo.unasp@hotmail.com](mailto:paulo.unasp@hotmail.com)

**Felipe Alves Masotti**

Capelão e professor de Ensino Religioso  
do Colégio Curitibano Adventista do Bom Retiro - Curitiba, SP  
[femasotti@yahoo.com.br](mailto:femasotti@yahoo.com.br)

**Resumo:** Esse estudo procura verificar a aplicabilidade da Teoria da Intertextualidade para a exegese bíblica. Para a averiguação dessa questão foi selecionada a seção de Zacarias 7:1-8:23 para a análise intertextual. Antes, contudo, são consideradas as questões históricas e literárias da seção, que têm implicações diretas para a realização do estudo. Após o exame intertextual, os autores avaliam a contribuição da teoria para a interpretação da passagem estudada, e por extensão, para os demais textos da Bíblia nos quais essa metodologia for aplicada.

**Palavras-chaves:** Análise Intertextual; Zacarias 7:1-8:23; intertexto; jejum; aliança.

#### **Intertextual Investigation of Zechariah 7:1-8:23**

**Abstract:** This study deals with the Theory of Intertextuality and its usage in biblical exegesis. The section of Zechariah 7:1-8:23 was selected for an intertextual analysis. Before such an analysis, some historical and literary issues, with direct implications for this study, were addressed. At the end, the authors discuss the contribution of Theory of Intertextuality for the interpretation of the passage, and the implications of this theory as a methodology for interpretations of other texts of the Bible.

**Keywords:** Intertextual Analysis; Zechariah 7:1-8:23; Intertext; Fasting; Covenant.



## INTRODUÇÃO

A compreensão da natureza dialógica da linguagem tem contribuído vastamente para a análise e interpretação de discursos. A intertextualidade, metodologia de análise desse fenômeno dialógico, reconhece que toda construção de texto é realizada fazendo-se uso de textos e discursos já existentes. A verificação desses elementos “importados” de outros textos, conhecidos como intertextos, serviria para a interpretação do texto atual uma vez que a sua utilização deveria comunicar sentido daquele texto para o que está sendo composto.<sup>1</sup>

Essa metodologia também tem sido sugerida a análise do texto bíblico<sup>2</sup>. Diante desse fato, nos deparamos com uma questão: Seria a intertextualidade uma metodologia válida para ser empreendida na tarefa da exegese? Esse estudo busca responder a essa questão ao examinar uma seção das Escrituras, Zacarias 7:1-8:23. Nessa apreciação se procura averiguar os possíveis intertextos contidos nessa seção e a contribuição dessa verificação para a compreensão do texto.

Primariamente será feita uma consideração acerca das questões históricas, como autoria, data e contexto histórico. Isso se faz necessário, pois esses elementos determinam em grande medida quais intertextos serão usados pelo autor. Conseqüentemente, essas informações também serão vitais para a identificação desses intertextos. Em seguida serão consideradas as questões literárias, a definição da perícopes, estrutura, gênero e a forma literária. Os dois últimos são, naturalmente, importantes para a interpretação do texto. Nesse estudo, contudo, eles se tornam essenciais, pois como será demonstrado, eles estão intimamente relacionados ao diálogo entre os textos, sobretudo, nos proféticos.

---

<sup>1</sup> Para uma exposição completa da Teoria da Intertextualidade, como acontece o jogo intertextual e o seu resgate para a compreensão de um texto, ver Ingedore V. Koch, *O texto e a construção dos sentidos* (São Paulo, SP: Contexto, 2005), 59 e 60; Ingedore V. Koch & Vanda M. Elias, *Ler e compreender os sentidos do texto* (São Paulo, SP: Contexto, 2006, 2ª ed.), 86.

<sup>2</sup> Uma discussão desse assunto é provida por estes autores em Masotti, Felipe A., Leite, Paulo A. B., *A teoria da intertextualidade e as escrituras: definições e possibilidades*,



Após esses exames, será então empreendida a análise intertextual da seção aqui selecionada, Zacarias 7:1-8:23. A análise consiste numa leitura mais atenta ao texto, procurando verificar quais termos, expressões, frases ou idéias que nos levem a outros textos, dos quais possivelmente esses foram tomados. Para facilitar a análise, os dois capítulos foram examinados separadamente e subdivididos em seções menores. A indicação dos intertextos será acompanhada de uma análise das correlações entre as passagens, o que justificaria o seu uso ali pelo autor atual e indicaria o significado pretendido por ele ao usá-lo. Além disso, após a análise de cada capítulo da seção ora em estudo, será feita a classificação dos intertextos encontrados ali.<sup>3</sup> Ao final, será feita uma averiguação da contribuição da análise intertextual para a compreensão da seção estudada e a partir desta, a sua aplicação à exegese bíblica.

O presente estudo não é exaustivo em suas análises intertextuais. Trata-se de um ensaio inicial acerca da aplicabilidade da Teoria da Intertextualidade. A sugestão da contribuição dessa teoria é feita com base naquilo que pôde ser alcançado através do estudo da passagem citada, e não como resultado de um estudo “exegético-intextual” ao longo da Bíblia.

## QUESTÕES HISTÓRICAS

### 1) Autoria

O livro recebe o nome do seu autor. O nome Zacarias significa “Yahweh se Lembra”. Este era um nome popular no Antigo Testamento. Ali encontramos mais de trezentas pessoas designadas com este nome.

Zacarias, o profeta, era neto de Ido, líder de uma família de sacerdotes, e filho de

---

<sup>3</sup> Neste trabalho será adotado o modelo de classificação conforme apresentado por Koch em sua obra *O texto e a construção dos sentidos* [Ingedore V. Koch, *O texto e a construção dos sentidos* (São Paulo, SP: Contexto, 2005)] e por Koch e Elias em *Ler e compreender os sentidos do texto* [Koch & Elias, (São Paulo, SP: Contexto, 2006, 2ª ed.)].



Berequias (Zc 1:1). Ele nasceu em Babilônia e pertencia à tribo de Levi. Provavelmente retornara do exílio juntamente com os demais judeus (Ne 12: 1, 4, 16)<sup>4</sup>. Dessa forma, ele ocupou os dois ofícios, sacerdote e profeta (Ne 12:1, 4, 7, 10, 12 e 16)<sup>5</sup>.

O profeta aparece na Bíblia tanto como filho de Berequias (Zc 1:1) quanto filho de Ido (Ed 1:1; 6:14)<sup>6</sup>. A palavra “filho”, entretanto, em Hebraico, pode significar também neto ou descendente<sup>7</sup>. Assim, o autor estaria se referindo a si mesmo em seu livro como filho de Berequias (Zc: 1:1), enquanto Esdras faz referência a seu avô (Ed 1:1; 6:14). Sellin e Fohrer adotam esta posição ao dizerem que de acordo com Zacarias 1: 1 e 7b, ele “era filho de Berequias e neto de Ido”<sup>8</sup>. A expressão “jovem” que aparece diretamente em 2:4 e indiretamente em 2:8 (pronomes pessoais “me”) sugerem que Zacarias era um jovem adulto quando retornou do exílio<sup>9</sup>.

## 2) Data

A datação do livro é um ponto igualmente importante no estudo do texto. Três passagens em Zacarias ajudam a fixar sua data de composição: 1:1, 7; 7:1. Essas datas vão segundo Sellin e Fohrer, do “oitavo mês do segundo ano de Dario (520 a. C.) até o nono mês do quarto ano do mesmo rei (518 a. C.)”<sup>10</sup>. Seu ministério assim se estenderia por pelo menos dois anos, entre 520-

---

<sup>4</sup> Samuel J. Schultz. *A História de Israel no Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1995), 394.

<sup>5</sup> Russell Norman Champlin. *O antigo testamento interpretado: versículo por versículo* (São Paulo: Hagnos, vol. 5, 2001), 3659.

<sup>6</sup> Alguns autores afirmam que isso seria o indício de que dois Zacarias teriam participado da composição do livro; Ralph L. Smith. *Word Biblical Commentary: Micah-Malachi* (Waco, TX: Word Books, vol. 32, 1984), 167-168.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 167.

<sup>8</sup> Ernst Sellin e Georg Fohrer. *Introduction to the Old Testament* (Abingdon, Nashville: Abingdon Press, 1968), 461.

<sup>9</sup> Smith. *Word Biblical Commentary*, 168.

<sup>10</sup> Sellin e Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento*, 696.



518 a. C. Há também a possibilidade de que esse ministério tenha sido um pouco mais longo, talvez até a dedicação do templo, ou mesmo depois<sup>11</sup>.

### 3) Contexto Histórico

O ambiente no qual Zacarias desenvolveu seu ministério foi o do retorno do cativo babilônico. Ao assumir o trono, “para que se cumprisse a palavra do Senhor, falada por intermédio de Jeremias”, Ciro, rei dos medos e persas, decretou que todo o povo de Judá que estava cativo subisse para edificar a casa do Senhor (Ed 1: 1-4). Além disso, todos os utensílios do templo, que estavam em Babilônia foram enviados de volta a Jerusalém (vs. 7-11).

A reconstrução de Jerusalém deu-se em um ambiente de temor, por causa dos “povos das outras terras” (Ed 3: 1-3). O altar de sacrifícios foi o primeiro a ser reconstruído. As festividades foram celebradas, mas “ainda não estavam postos os fundamentos do templo do Senhor” (v. 6). Isso só ocorreu no segundo ano do retorno. Os fundamentos foram então lançados e os levitas foram constituídos como encarregados da obra da Casa do Senhor (v. 8).

Havia em Jerusalém nesta época uma população mista, resultante da ação dos assírios. Esses desejaram participar da reconstrução do templo. Essa proposta contudo, foi recusada e essa população mista, habitantes da província de Samaria - que mais tarde seriam conhecidos como os samaritanos - se tornaram hostis aos judeus de tal forma que a obra foi interrompida por cerca de dezoito anos<sup>12</sup>, e em 520 a.C., o templo ainda estava em ruínas (Ed 4: 1-5)<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Ibidem.

<sup>12</sup> Schultz. *A História de Israel no Antigo Testamento*, 392.

<sup>13</sup> J. G. Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias: Introdução e Comentário* (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1982), 12.



Mais do que um abandono na construção do templo pela oposição sofrida, Jerusalém enfrentava uma “época de penúria econômica” que impedia que a obra progredisse<sup>14</sup>. Além disso, havia paralisia moral que aceita[va] como normais condições que exigem mudanças drásticas<sup>15</sup>.

É nessa ocasião que o profeta Ageu começa a atuar em seu ministério profético “no segundo ano de governo do rei persa Dario I, em 520 a. C.”<sup>16</sup>. Nesta época de paralisia, sua “tarefa específica foi a de induzir os judeus a renovarem sua obra no templo”<sup>17</sup>. A situação piorou ainda mais pois, ao invés de trabalharem pela Casa do Senhor, os judeus se desviaram daquilo que deveria ser sua prioridade e se concentraram na construção de suas próprias casas<sup>18</sup> (Ag 1:4).

Pouco tempo depois, “talvez apenas dois meses”<sup>19</sup>, surge Zacarias. O texto bíblico diz: “Ora, o profeta Ageu e o profeta Zacarias, filho de Ido, profetizaram aos judeus que estavam em Jerusalém, em nome do Senhor Deus de Israel, que estava sobre eles.” (Ed 5:1).

Zacarias desempenhou papel fundamental para a tarefa de conclusão do templo. Schultz afirma que “nos dias de hesitação que se seguiram à segunda mensagem de Ageu, Zacarias prestou inspiração de reforço para o grupo de esforçados judeus”<sup>20</sup>. Para Baldwin, essa foi sua

---

<sup>14</sup> Werner H. Schmidt. *Introdução ao Antigo Testamento* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 1994), 258.

<sup>15</sup> Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 21.

<sup>16</sup> Schmidt. *Introdução ao Antigo Testamento*, 258.

<sup>17</sup> Schultz. *A História de Israel no Antigo Testamento*, 392.

<sup>18</sup> *Ibid.*, 393.

<sup>19</sup> Schmidt, *Introdução ao Antigo Testamento*, 260.

<sup>20</sup> Schultz, *A História de Israel no Antigo Testamento*, 394.



primeira tarefa: “ajudar Ageu a fazer com que os homens terminassem o templo”<sup>21</sup>. Somente a mudança genuína de coração traria o favor divino (veja Zc 1:1-6)”<sup>22</sup>.

Mas Schultz expande ainda mais a tarefa do profeta. O profeta vai além, ele faz mais que uma exortação à reconstrução. Para ele, naqueles dias de incerteza

*o profeta tinha uma mensagem confortadora. Através de uma série de visões noturnas veio a certeza renovada de que Deus, que mantém vigilância sobre o mundo inteiro, havia prometido a restauração de Jerusalém*<sup>23</sup>.

O livro de Zacarias chama a atenção pelo seu alto teor escatológico. Ele transcende os limites da situação do momento, dos problemas de sua época, para falar da restauração final, permanente. Em seu ofício ele trata de “temas referentes ao início de uma era escatológica final e à organização da comunidade escatológica”<sup>24</sup>.

O panorama histórico é essencial para a compreensão da mensagem de Zacarias<sup>25</sup>. O trecho de Zacarias que será analisado, os capítulos sete e oito, apresenta um contexto específico. Esse contexto imediato é relacionado com o costume do jejum em Israel.

O jejum era a privação de alimento como sinal de que a pessoa estava passando por uma experiência de grande tristeza. Alguns outros elementos acompanhavam o jejum israelita como o choro, o lamento e o cobrir-se com pano de saco e cinzas (Et 4:3). A expressão “afligir a alma” é

---

<sup>21</sup>Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 47.

<sup>22</sup> Schultz, *A História de Israel no Antigo Testamento*, 394.

<sup>23</sup> *Ibid.*, 396.

<sup>24</sup> Sellin e FoHher. *Introdução ao Antigo Testamento*, 696.

<sup>25</sup> William S. LaSor, David A. Hubbard e Frederic W. Bush. *Introdução ao Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1999), 434.



um termo bíblico sinônimo a jejum<sup>26</sup>. O jejum podia também ocorrer para interceder junto a Deus por alguma causa. Davi Jejuou por seis dias, intercedendo por seu filho com Bate-Seba (2 Sm 12:16). Daniel intercedeu com jejum por toda a nação que estava espalhada no exílio babilônico (Dn 9:3-19). A nação também podia ser convocada para jejuar em “tempos de pragas, de ameaça militar ou da morte de um rei”<sup>27</sup>. Josafá proclamou um jejum em toda a nação porque Amom e Moabe estavam idealizando um ataque contra a nação. Este jejum foi seguido de libertação (2 Cr 20:1-19). O talmude, comentando o assunto do jejum, “propunha três objetivos para o jejum: o arrependimento, a súplica pela ajuda de Deus e o luto ou a comemoração”<sup>28</sup>.

Hartley afirma que certos dias do calendário judeu eram consagrados a um jejum nacional, dos quais o principal era o do Dia da Expição (Lv 16:29, 31; 23:27-32)<sup>29</sup>. Em realidade, a Torah sanciona apenas o jejum do Dia da Expição como jejum nacional, que ocorria no décimo dia de Tishri (sétimo mês). Hartley defende ainda que parece ter ocorrido um aumento no número de tais dias no período pós-exílio. Ausubel corrobora ao afirmar que

*na medida em que o costume tem um poder de perpetuação tão poderoso quanto a lei canônica, toda uma série de jejuns extra-escritura ocupam um lugar firmemente plantado na vida religiosa judaica*<sup>30</sup>.

---

<sup>26</sup> John Muddiman, “Fast, Fasting” em David Noel Freedman [ed.], *The Anchor Bible Dictionary* (New York: Doubleday, 1992), 2:773.

<sup>27</sup> John E. Hartley em R. L. Harris, G. L. Archer Jr. & B. K. Waltke, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Vida Nova, 1998), 1273

<sup>28</sup> Nathan Ausubel, *Judaica: Conhecimentos judaicos I* (Rio de Janeiro, RJ: Koogan, 1989), 5:393.

<sup>29</sup> Hartley em Harris, Archer & Waltke, *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*, 1273

<sup>30</sup> Ausubel, *Judaica: Conhecimentos judaicos I*, 5:393





A comunidade judaica celebra, segundo a tradição, outros dias de jejum nacional. Todos esses dias, embora não ordenados rigidamente pela Bíblia como jejuns nacionais, têm sua base em acontecimentos das Escrituras<sup>31</sup>.

O primeiro destes jejuns é o Ta'anit Ester. Este jejum ocorre em memória do jejum promulgado pela rainha Ester a fim de buscar orientação divina (Et 4:16)<sup>32</sup>. O segundo dia de jejum nacional é chamado de Shiva Asar B'Tamuz. Ocorre no quarto mês judaico e rememora a brecha feita pelos exércitos babilônicos no muro de Jerusalém no período anterior a sua destruição<sup>33</sup>. O terceiro jejum é o Tishah b'Av, no nono dia de Av (quinto mês). Neste dia o jejum tem por objetivo relembrar a destruição do templo de Jerusalém construído no tempo de Salomão. Os judeus, posteriormente, passaram a observá-lo em relação aos dois templos<sup>34</sup>. O segundo dia de jejum observado é o Tzom Guedalia. Este jejum é observado no dia que segue o Rosh Hashanah (sétimo mês). Seu objetivo é relembrar a morte de Gedalias, governador de Judá após a primeira destruição de Jerusalém<sup>35</sup>. Outro dia de jejum nacional é o Assarah b'Tevet, comemorado no décimo dia de Tevet (décimo mês). Este dia de jejum “marca o começo do cerco de Jerusalém pelas forças armadas de Nabucodonosor”<sup>36</sup>.

A instituição dos três primeiros jejuns citados é atrelada a Zacarias 7 e 8<sup>37</sup>, a seção a ser estudada. Este texto é o único que atribui ao quarto, quinto, sétimo e décimo mês do calendário

---

<sup>31</sup> Alfred J. Kolatch, *This is the Torah: Over 500 Questions and Answers About the Most Sacred Texts of Judaism* (Middle Village, NY: Jonathan David Publishers), 309.

<sup>32</sup> Ausubel, *Judaica: Conhecimentos judaicos I*, 5:393.

<sup>33</sup> Kolatch, *This is the Torah*, 309.

<sup>34</sup> Ausubel, *Judaica: Conhecimentos judaicos II*, (Rio de Janeiro, RJ: Koogan, 1989), 6:889.

<sup>35</sup> Idem, *Judaica: Conhecimentos judaicos I*, 5:394.

<sup>36</sup> Kolatch, *This is the Torah*, 309.

<sup>37</sup> Ausubel, *Judaica: Conhecimentos judaicos I*, 5:393; Kolatch, *This is the Torah*, 309.



judaico uma espécie de jejum nacional. Haveria real ligação entre o texto e tais jejuns comemorativos? Se afirmativa, em que a resposta nos auxilia para a compreensão do texto? Estas são algumas das questões a serem respondidas na análise da seção.

## QUESTÕES LITERÁRIAS

### 1) Definição da Perícope

A seção apontada abrange dois capítulos completos do livro, de 7:1 até 8:23. Ela se inicia com uma pergunta feita por uma delegação que foi enviada de “Betel” à Jerusalém a fim de inquirir acerca dos jejuns que eles praticavam (7:1-3). Essa pergunta é a motivadora para todo assunto tratado no restante do capítulo sete e também no oito, onde é apresentada a resposta a esta interrogação. Uma resposta mais direta à pergunta feita em 7:1-3 marca o fim da seção.

Baldwin considera que essa pergunta ocasiona as mensagens apresentadas nesses capítulos<sup>38</sup>. Essa apresentação demonstra entender que os capítulos estão ligados por um tema que começa com a indagação mencionada. Esse tema é desenvolvido nas mensagens que compõem o restante da perícope. Ela está exatamente após um grupo de oito visões, seguidas de oráculos, e antes da segunda parte do livro (9-14) que trata do futuro messiânico e a completa realização da teocracia<sup>39</sup>.

### 2) Estrutura Literária

A maioria dos autores concorda com a estrutura que abrange ambos os capítulos. Portanto, nesse estudo, adotaremos essa orientação. A análise intertextual seguirá uma estrutura literária proposta por estes autores:

---

<sup>38</sup> Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 67.

<sup>39</sup> Barker em K. L. Barker e John R. Kohlenberger III [ed.]. *NIV Bible Commentary, An Abridgment of the Gold Medallion-winning Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, vol. 1, 1994), 1530.



I – 7:1-7. A questão do Jejum.

7:1-3. A pergunta inicial.

7:4-7. A resposta inicial à questão do jejum.

II – 7:8-14. Reiteração das palavras dos primeiros profetas.

7:8-10. Sumário dos ensinamentos dos primeiros profetas.

7:11-14. Resposta negativa de Israel e maldições da aliança.

III – 8:1-8. O Zelo do Senhor e a Promessa da Salvação.

8:1-2. O zelo do Senhor por Jerusalém.

8:3. A promessa da volta do Senhor para Jerusalém e seu efeito sobre ela.

8:4-6. A promessa da longevidade e do sossego.

8:7-8. A promessa da salvação e da renovação da aliança.

IV – 8:9-19. A Reversão da Maldição da Aliança: Um Estímulo para Reconstrução e para a Reforma no Comportamento Ético.

8:9-13. Exortação para a reconstrução e a reversão das maldições em bênçãos.

8:14-15. A mudança da ação divina: Motivo para não temer.

8:16-17. Exortação para a mudança no comportamento ético.

8:18-19. A resposta à pergunta de 7:3: Os jejuns serão motivos de alegria.

V- 8:20-23. Os Efeitos da Salvação de Deus Sobre as Outras Nações.



8:20-23. As bênçãos sobre Israel levam outras nações ao desejo de participação na aliança.

### 3) Gênero e Forma Literários

Segundo Greathouse “os primeiros oito capítulos de Zacarias são profecias”<sup>40</sup>. A própria classificação de algumas seções como “oráculos” parece indicar essa direção. Greathouse intitula a primeira parte do livro como “oráculos durante a reconstrução do templo”<sup>41</sup>. Essa mesma identificação é vista em Champlin. Ele classifica a seção 7:1-8:23 como “o oráculo que examina a questão se deve ou não haver jejum...”<sup>42</sup>. Nesses dois capítulos o gênero literário encontrado é o da profecia clássica.

Smith localiza em Zacarias 7:1-8:23 uma alternância nas formas como o conteúdo é apresentado nesses capítulos: Em 7:1-6, a abertura com uma pergunta, seguida de uma resposta inicial<sup>43</sup> [o que poderia ser entendido como um diálogo]. Em 7:7-14, sermão<sup>44</sup>; Em 8:1-8, uma coleção de ditos (provérbios) de Zacarias<sup>45</sup>; Em 8:9-17, novamente sermão; E por fim, 8:18-23, outros ditos (provérbios).<sup>46</sup>

---

<sup>40</sup> William M. Greathouse em W. T. Purkiser [ed.], *Beacon Bible Commentary: Hosea through Malachi* (Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1966), 5: 342.

<sup>41</sup> *Ibidem*.

<sup>42</sup> Champlin, *O antigo testamento interpretado*, 5:3360.

<sup>43</sup> Smith, *Word Biblical Commentary*, 221.

<sup>44</sup> *Ibid.*, 225.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 231.

<sup>46</sup> *Ibid.*, 238.



#### 4) Implicações do Gênero Literário.

O gênero e as formas literárias exercem influência no processo de interpretação do texto. Nesse caso, a categorização de profecia já implica numa consideração necessária para o entendimento do texto. Fee e Stuart destacam que para compreender os textos proféticos deve-se primeiramente ter uma compreensão clara acerca do papel e função dos profetas em Israel.<sup>47</sup>

Segundo eles, três coisas devem ser observadas<sup>48</sup>: Primeira: Os profetas eram mediadores de Deus para fazer cumprir a aliança. Segunda: A mensagem dos profetas não era deles, mas sim, de Deus. E terceiro: A mensagem do profeta não era original. Essas observações serão determinantes para a análise textual, pois o próprio caráter intertextual é destacado como parte das mensagens dos profetas. Além disso, se os profetas são mensageiros de Deus e devem fazer cumprir a aliança, esses elementos deverão ser notados na análise que será empreendida.

### AVERIGUAÇÃO INTERTEXTUAL DE ZACARIAS 7:1-8:23

#### 1) Zacarias 7:1-14

O capítulo 7 de Zacarias apresenta uma estrutura definida por temas. Estes temas se desenvolvem em torno de um ponto central, “a questão do Jejum”<sup>49</sup>. Esta compreende os versos 7:1-7. O trecho demonstra duas divisões fundamentais. A primeira delas compreende os versos 7:1-3, a segunda contém os versos 7:4-6. A segunda grande divisão contém a reiteração do conteúdo ético dos profetas anteriores ao cativo babilônico, bem como a referência ao conteúdo da aliança.

---

<sup>47</sup> Gordon D. Fee e Douglas Stuart, *Entendes o que lês: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica* (São Paulo: Vida Nova, 1997), 155.

<sup>48</sup> *Ibid.*, 155-159.

<sup>49</sup> Smith, *Word Biblical Commentary*, 220-221.



### **a) A questão do jejum (Zacarias 7:1-7)**

Os primeiros versos do capítulo 7 contêm a questão inicial que desencadeia toda a trama dos capítulos 7 e 8 de Zacarias, bem como a designação daqueles que a trazem aos profetas em Jerusalém. Esta é a primeira subdivisão (7:1-3). A segunda subdivisão se refere à resposta inicial de Zacarias à questão do Jejum e compreende os versos 7:4-7.

#### **i) A pergunta inicial (Zacarias 7:1-3)**

*1. No quarto ano do rei Dario, veio a palavra do SENHOR a Zacarias, no dia quarto do nono mês, que é quisleu.*

*2. Quando de Betel foram enviados Sarezzer, e Regém-Meleque, e seus homens, para suplicarem o favor do SENHOR,*

*3. Perguntaram aos sacerdotes, que estavam na Casa do SENHOR dos Exércitos, e aos profetas: Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês, como temos feito por tantos anos?*

#### **i a) “Quinto mês”**

Este jejum não aparenta ser algo comum aos costumes festivos de Israel. A natureza e propósito do jejum estão atrelados à sua fixação no “quinto mês”. A elucidação do evento que originou o jejum é de valia na compreensão da narrativa. A designação do “quinto mês” e sua subsequente aplicação só são possíveis através da elucidação do termo “tantos anos”. O período a que se refere essa expressão situa o início do jejum e provê o ponto temporal em que a correlação com o termo “quinto mês” deve ser procurada. O verso 7:5 apresenta a expressão “setenta anos”, que será melhor avaliada mais a frente. “Setenta anos”, entretanto, alcança paralelismo com o termo “tantos anos” do verso em questão (7:3). Assim, a seqüência da narrativa, aliada ao



ambiente histórico de Zacarias, demonstra que a prática do jejum do quinto mês ocorreu durante o período de setenta anos do cativeiro babilônico. A busca da origem do jejum do “quinto mês” deve ocorrer, então, no início do período dos setenta anos de cativeiro. Esta busca aponta para os textos de Jeremias 52:12-13 e II Reis 25:8-9:

*No décimo dia do quinto mês, do ano décimo nono de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Nebuzaradã, o chefe da guarda e servidor do rei da Babilônia, veio a Jerusalém. E queimou a Casa do SENHOR e a casa do rei, como também todas as casas de Jerusalém; também entregou às chamas todos os edifícios importantes (Jr 52:12 e 13).*

*E queimou a Casa do SENHOR e a casa do rei, como também todas as casas de Jerusalém; também entregou às chamas todos os edifícios importantes. No sétimo dia do quinto mês, do ano décimo nono de Nabucodonosor, rei da Babilônia, Nebuzaradã, chefe da guarda e servidor do rei da Babilônia, veio a Jerusalém (II Rs 25:8 e 9).*

Os intertextos “quinto mês”, “tantos anos” e “setenta anos” designam a correta correlação a ser buscada. A causa do jejum deste mês fazia parte da memória social, “histórica” dos interlocutores: a destruição do templo de Israel. O povo jejuou durante setenta anos, no quinto mês, em memória da destruição do templo de Israel. A situação, entretanto, estava mudada à época de Zacarias. Israel já não estava mais em cativeiro e o Templo estava sendo reconstruído. Este fato desperta um questionamento que devia ser levado e solucionado diante dos sacerdotes e profetas de Jerusalém: Devia ser ainda celebrado o jejum que foi instituído para lembrar “a destruição trágica do Templo?”<sup>50</sup>. É com este objetivo que partem de “Betel” alguns enviados e encarregados de adquirirem a resposta à referida questão.

---

<sup>50</sup> Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 117.



## ii) Resposta inicial a questão do jejum (Zacarias 7:4-7)

4. *Então, a palavra do SENHOR dos Exércitos me veio a mim, dizendo:*

5. *Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso, foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?*

6. *Quando comeis e bebeis, não é para vós mesmos que comeis e bebeis?*

7. *Não ouvistes vós as palavras que o SENHOR pregou pelo ministério dos profetas que nos precederam, quando Jerusalém estava habitada e em paz com as suas cidades ao redor dela, e o Sul e a campina eram habitados?*

### ii a) “Setenta anos”

Após a destruição de Jerusalém houve a predição de um período específico em que o povo deveria permanecer no exílio. Jeremias profetizou sobre este período:

*Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; estas nações serviram ao rei de Babilônia setenta anos. Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei da Babilônia e a desta nação, diz o SENHOR, como também a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas (Jr 25:11-12).*

*Assim diz o SENHOR: Logo que se cumprirem para a Babilônia setenta anos, atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar (Jr 29:10).*

O livro de 2 Crônicas testemunha da destruição de Jerusalém e do cumprimento da profecia dos setenta anos, aludindo às palavras de Jeremias:





*Queimaram a casa do SENHOR e derrubaram os muros de Jerusalém; todos os seus palácios queimaram a fogo, e destruíram todos os seus objetos preciosos. Os que escaparam da espada, levou para Babilônia, e se tornaram servos dele e de seus filhos, até o tempo do reino da Pérsia. A terra gozou os seus sábados; todos os dias da sua desolação ela descansou, até que se completaram os setenta anos, em cumprimento da palavra que o SENHOR falara por intermédio de Jeremias (2 Cr 36:20-21).*

Daniel viveu até o tempo do final desta profecia. O período dos setenta anos está relacionado à sua oração no capítulo 9 de seu livro. O profeta ora pelo perdão dos pecados de seu povo e sua conseqüente restauração:

*No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da nação dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus, no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos, de que falou o SENHOR ao profeta Jeremias, que haviam de transcorrer sobre as desolações de Jerusalém, era setenta anos (Dn 9:1-2).*

Assim, esta profecia havia se cumprido por ocasião da composição do livro de Zacarias. Este profeta desenvolveu seu ministério profético no período imediatamente após o retorno do cativo babilônico. O termo “setenta anos” de Zacarias 7:5 deve ser compreendido à luz do ambiente histórico deste profeta. Esta expressão é encontrada em outro momento no livro:

*Então, o anjo do SENHOR respondeu: Ó SENHOR dos Exércitos, até quando não terá compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás indignado faz já setenta anos (Zc 1:11).*

A indignação do SENHOR neste verso é uma referência à destruição e exílio perpetrados pelos babilônicos em Israel e sua duração por setenta anos. A utilização do termo no livro aliada a seu ambiente histórico, o retorno do cativo babilônico, torna específica a relação existente.



Zacarias 7:5 afirma que os jejuns do quinto e do sétimo mês foram realizados durante os setenta anos. Assim, o intertexto “setenta anos” é importante na identificação do sentido do texto. Ele fixa o tempo de início dos jejuns de Zacarias 7 e 8: o início dos setenta anos do cativeiro babilônico. Esta informação é de valor na validação do sentido de “quinto mês”, desenvolvido anteriormente e na busca pelo sentido do termo “sétimo mês”.

Conquanto o significado do termo “setenta anos” seja importante na identificação do início dos jejuns de Zacarias 7 e 8, existem algumas dificuldades em relacioná-lo com o termo “sétimo mês”, assim como foi feito com o termo “quinto mês”. Isso porque no sétimo mês um jejum bem estabelecido na vida religiosa de Israel ocorria: o jejum do Dia da Expição (Lv 23:34-43). A pergunta então seria: O motivo do jejum do sétimo mês de Zacarias deve ser buscado em acontecimentos no início dos setenta anos, a exemplo do jejum do quinto mês, ou na lei levítica do Dia da Expição?

Dois pontos específicos podem sugerir que o jejum do sétimo mês mencionado por Zacarias seria uma alusão ao jejum do Dia da Expição. O primeiro ponto está relacionado com Neemias, contemporâneo de Zacarias. Neemias, de acordo com as prescrições dadas a Moisés (Ne 8:14, cf. Lv 23:34-43) celebrou a festa dos tabernáculos, promulgando, em seguida um jejum, conforme a descrição de Neemias 9:1-2:

*No vigésimo quarto dia desse mês, ajuntaram-se os filhos de Israel com jejum e pano de saco, e traziam terra sobre si. Os da linhagem de Israel apartaram-se de todos os estrangeiros, puseram-se em pé e confessaram seus pecados e as iniquidades de seus pais.*

A confissão de pecados, a promulgação de um jejum solene e a menção em Neemias 8:14 da “Lei que o Senhor ordenou por intermédio de Moisés” parece rememorar a prática de confissão de pecados e o jejum do Dia da Expição. Dessa maneira, a única referência fora do livro de Zacarias a um jejum no sétimo mês, no período do retorno do cativeiro, seria uma referência ao Dia da Expição. O segundo ponto é o de que Zacarias utiliza textos do profeta



Isaías sobre o jejum aceitável ao SENHOR (Is 58:3-5). Isaías, entretanto, é anterior ao exílio babilônico. Isso leva à identificação das afirmações de Isaías com o jejum estabelecido pela lei levítica, o jejum do Dia da Expição. Assim, Zacarias, ao utilizar Isaías, estaria se referindo a esse evento religioso.

Existem, entretanto, contrapontos que impedem a identificação do jejum referido em Zacarias com o Dia da Expição, baseando-se nos fatos citados acima. Embora, o jejum promulgado por Neemias tenha ocorrido no sétimo mês, o dia não foi o mesmo do que o estabelecido em Levítico 16:29 para o Dia da Expição. Neemias 9:1 afirma que o jejum ocorreu no “vigésimo quarto dia” do sétimo mês, enquanto Levítico 16:29 determina que o evento ocorra no “décimo dia”. Neemias parece ter enfatizado o espírito de contrição presente no Dia da Expição, mas não comemorou a festa em si. Outro ítem do mesmo argumento é que não é possível determinar qualquer relação entre o jejum de Neemias 9:1 e o de Zacarias 7:5.

O segundo ponto se refere aos textos referentes ao Dia da Expição, extraídos de Isaías. Esses são utilizados por Zacarias em referência à disposição de coração dos israelitas tanto no jejum do quinto quanto do sétimo mês. Desta maneira, não é possível afirmar que o fato de utilizar o texto de Isaías 58, obriga Zacarias a identificar o Dia da Expição com o jejum do “sétimo mês” guardado pelos enviados de Betel (Zc 7:1-5).

## **ii b) “Sétimo mês”**

A análise do tema do “jejum nos profetas que nos precederam” demonstrará que o jejum do Dia da Expição contribui significativamente para a compreensão das passagens em questão. A resposta à pergunta dos emissários de Betel em Zacarias 7:5 parece indicar que essa contribuição não é na fixação do evento que originou o jejum:



*Dize a todo o povo desta terra, e aos sacerdotes: Quando jejuastes, e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, jejuastes de fato para mim?*

Os jejuns tanto do quinto quanto do sétimo mês foram realizados “durante” os setenta anos. Esse fato é significativo ao se observar a pergunta feita em Zacarias 7:3, que é respondida em 7:5. Os enviados de Betel perguntaram aos profetas: “Chorarei eu no quinto mês, com jejum, como tenho feito por tantos anos?” (Zc 7:3b) O termo “tantos anos” aqui alcança paralelo com “setenta anos”. Ao responder a pergunta a respeito do jejum do “quinto mês” (Zc 7:1-3) mencionando-o junto ao jejum do “sétimo mês” (Zc 7:5), o SENHOR afirmou que eles guardaram a ambos “durante setenta anos”. Assim, há uma relação de igualdade na motivação para o início da guarda dos dois jejuns. A utilização de Isaías 58 para os dois jejuns acentua essa relação. O motivo para o início do jejum do sétimo mês deve ser buscado do mesmo modo pelo qual o jejum do quinto mês o foi, no início do período dos setenta anos.

O jejum do quinto mês está relacionado com acontecimentos ligados à queda de Jerusalém. O termo “sétimo mês” alcança paralelo na história de maneira similar à expressão “quinto mês”. O texto bíblico apresenta o relato de um acontecimento significativo no início do período dos setenta anos relacionado com a queda de Jerusalém, no sétimo mês:

*Porém no sétimo mês veio Ismael, filho de Netanias, filho de Elisama, da descendência real, e dez homens com ele, e feriram a Gedalias, e ele morreu, como também aos judeus e caldeus que estavam com ele. Então todo o povo se levantou, desde o menor até o maior, como também os capitães dos exércitos, e foram para o Egito, pois temiam os caldeus (2 Rs 25:25-26).*

*No sétimo mês Ismael, filho de Netanias, filho de Elisama, de sangue real, veio com os oficiais do rei, a saber, dez homens com ele, a Gedalias, filho de Aicão, a Mispa. Enquanto comiam ali juntos,*



*levantou-se Ismael, filho de Netanias, com os homens que estavam com ele, e feriram a Gedalias, filho de Aicão, filho de Safa, à espada, matando aquele que o rei da Babilônia havia posto sobre a terra (Jr 41:1-2).*

Após a destruição de Jerusalém e de seu templo aqueles que ficaram na terra tiveram como líder, instituído pela superintendência de Babilônia, Gedalias. Um ano após a destruição, no “sétimo mês”, Gedalias foi assassinado. Este fato provocou a fuga do resto dos habitantes de Jerusalém para o Egito, com medo de uma retaliação do governo babilônico. O assassinato de Gedalias e a conseqüente fuga emergem, então, como a única referência histórica relacionada com os acontecimentos da destruição de Jerusalém e com o início dos setenta anos.

### **ii c) O tema do jejum nos “profetas que nos antecederam”**

O SENHOR dos Exércitos tece uma pergunta no verso 7:5 de Zacarias: “Acaso, foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?” Esta pergunta responde à questão trazida pelos emissários de Betel de maneira retórica. A ênfase recai nos motivos não santificados dos israelitas para a observância do jejum do quinto e do sétimo mês durante os setenta anos. Outra pergunta retórica é feita em conexão com a idéia do jejum no verso 7:7. Esta pergunta leva os interlocutores a pensarem no que “os profetas que nos precederam” disseram acerca do jejum quando Jerusalém estava habitada. Esta é uma ocorrência da intertextualidade explícita, a fonte da fala é citada. O que foi dito, entretanto, deveria ser respondido pela audiência de Zacarias, que conhecia os oráculos dos profetas anteriores. Esse parece ser o propósito da pergunta retórica.

A resposta deve ser buscada no tema do jejum nos profetas anteriores ao cativo babilônico<sup>51</sup>. O jejum é um tema bastante presente nesses escritos e em grande parte das vezes em

---

<sup>51</sup> Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 120.



que aparece está relacionado a arrependimento ou súplica ao Senhor (eg. Is 22:12; Dn 9:3; Jl 2:15-17; Jn 3:5). Entretanto, a asseveração retórica de Zacarias de que o jejum estaria sendo praticado para o benefício de quem o fazia aliada com a afirmação de que os profetas anteriores haviam falado sobre o tema apresenta paralelo com o seguinte texto:

*Dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levamos em conta? Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho. Para contendas e debates jejuais, e para ferirdes com punho iníquo. Não jejueis como hoje para fazer ouvir a vossa voz no alto. Seria este o jejum que escolhi, que o homem um dia aflija a sua alma, incline a sua cabeça como o juncos e estenda debaixo de si pano de saco e cinza? Chamarias tu a isto jejum e dia aceitável ao SENHOR?(Is 58:3-5)*

O benefício pessoal daquele que praticava o jejum é o cerne da crítica de Isaías 58, assim como em Zacarias 7. A singularidade deste tema em um profeta anterior a Zacarias o situa como sua base de alusão. Isaías, porém, provê uma resposta para o problema das motivações expúrias:

*Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? (Is 58:6-7)*

O contexto do jejum de Isaías 58 é o jejum do Dia da Expição. Nesse dia cada israelita deveria “afligir a sua alma” (Lv 23:27). Era um dia de contrição, quando todos deveriam jejuar em favor da expiação que estava sendo feita pelos pecados de todo o povo durante o ano. O tempo modificou essa disposição de coração dos israelitas, de modo que seu jejum não era



aceitável diante de Deus. Isaías demonstra, no capítulo 58, o verdadeiro jejum esperado por Deus. O retorno ao propósito inicial: exame de coração e mudança de vida. A prática aprovada por Deus neste capítulo está em oposição ao coração obstinado que impulsionava os israelitas à observância literalista do jejum<sup>52</sup>. Assim, o jejum aprovado tem suas raízes na disposição servil e ética do coração do adorador.

Esse é o tema aludido por Zacarias e o princípio espúrio atacado em sua argumentação. O interesse externo dos jejuns era comparado ao ato de “comer e beber” (Zc 7:6)<sup>53</sup>. A perda do real sentido do jejum do Dia da Expição, à época de Isaías, era o modelo do que estava ocorrendo com os jejuns do cativo, à época de Zacarias. Os israelitas pós-exílicos estavam retomando os erros de seus pais.

Analisados os referidos temas e expressões, a definição de seu inter-relacionamento auxilia na compreensão do sentido da seção. O intertexto “setenta anos” fixa o período em que o jejum do quinto e sétimo meses foram realizados, bem como auxilia na busca dos motivos que os iniciaram. Os emissários de Betel haviam observado estes jejuns por setenta anos. Estes anos foram os do cativo babilônico. Ao início do cativo dois acontecimentos significativos ocorreram: a destruição de Jerusalém e de seu templo no quinto mês e a morte de Gedalias, que deu início à fuga do restante do povo para o Egito, no sétimo mês. O termo “sétimo mês”, assim como “quinto mês”, na argumentação de Zacarias são alusões a estes acontecimentos. Jejuns memorativos foram estabelecidos nestes meses durante os setenta anos.

Através do tema do jejum nos profetas anteriores, os emissários de Betel são indagados se realmente estavam observando os jejuns do quinto e sétimo mês voltados para Deus ou para si mesmos. Esse jogo de idéias está presente em Isaías 58. Isaías profetizou no tempo em que a cidade estava habitada. Em seu ministério falou sobre o jejum aceitável ao SENHOR. Sua crítica

---

<sup>52</sup> Smith. *Word Biblical Commentary*, 224.

<sup>53</sup> Matthew Henry. *Comentário Exegetico-Devocional a Toda La Bíblia; Livros Proféticos: Ezequiel a Malaquias* (Terrassa, Barcelona: Clie, v. 2, 1990), 517.



estava no fato de que os jejuns praticados em Israel eram desacompanhados do propósito genuíno. Em realidade os jejuns eram realizados para o benefício exclusivo daqueles que os praticavam, de acordo com seus interesses. As obrigações para com o próximo, demonstrações claras de genuína entrega, eram negligenciadas.

Baldwin afirma que “Zacarias presumia em seus ouvintes certo conhecimento do ensino ético de profetas anteriores (cf. 1:4)”<sup>54</sup>. O profeta adverte os israelitas pós-exílicos com base na experiência de seus pais antes do exílio. Essa ênfase procura preveni-los a fim de que não caíam novamente nos mesmos erros. A formalidade não santificada deve dar lugar aos verdadeiros princípios do amor entre os israelitas da época da reconstrução de Jerusalém. Deve haver também confissão e abandono de pecados. A negligência destes pontos levou à destruição de Jerusalém.

#### **b) Reiteração das palavras dos primeiros profetas (Zacarias 7:8-14)**

Zacarias, nos versos 7:8-14, apresenta à sua audiência uma reiteração de palavras de profetas anteriores a ele, mesclando clausulas que aludem às estipulações do contexto da aliança. Esta seção apresenta duas subdivisões temáticas: o sumário dos ensinamentos dos primeiros profetas (7:7-10) e a resposta negativa do povo de Israel e maldições da aliança (7:11-14).

#### **i) Sumário dos ensinamentos dos primeiros profetas (Zacarias 7:8-10)**

8. *A palavra do SENHOR veio a Zacarias, dizendo:*

9. *Assim falara o SENHOR dos Exércitos: Executai juízo verdadeiro, mostrai bondade e misericórdia, cada um a seu irmão;*

---

<sup>54</sup> Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 118.





*10. Não oprimais a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre, nem intente cada um, em seu coração, o mal contra o seu próximo.*

### **i a) O tema da correta motivação para as práticas religiosas nos profetas**

Zacarias introduz sua fala no verso 7:9 com a expressão: “Assim falara o Senhor”. Esta expressão é paralela à referência às “palavras que o SENHOR pregou pelo ministério dos profetas que nos precederam” (Zc 7:7). Zacarias tece sua argumentação a partir dos ensinamentos éticos de outros profetas, a começar por Moisés. Sua condição de profeta alia sua mensagem em primeira instância aos reclamos da aliança. As prescrições do Pentateuco tocavam no cuidado para com órfãos, viúvas, pobres e estrangeiros (Dt 10:18; 24:17-21). Êxodo 22:21-25 é um claro exemplo destas prescrições:

*O estrangeiro não afligirás, nem o oprimirás, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. A nenhuma viúva nem órfão afligireis. Se de alguma maneira os afligirdes, e eles clamarem a mim, eu certamente ouvirei o seu clamor. A minha ira se acenderá e vos matarei à espada; as vossas mulheres ficarão viúvas e os vossos filhos órfãos. Se emprestares dinheiro ao meu povo, ao pobre, que está contigo, não te haverás com ele como credor; não lhe imporás juros.*

O tema da exploração das classes menos favorecidas compunha as estipulações da Torah quanto à correta motivação para a vida religiosa. Outros profetas, como mediadores da aliança, utilizaram estes mesmos textos. Em realidade, Zacarias, alude também aos princípios do jejum aceitável de Isaías 58. Estes princípios estão presentes em outros profetas.

*Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que*



*repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? (Is 58:6-7)*

O profeta Isaías, em referência ao Pentateuco, se refere especificamente ao cuidado com as viúvas e órfãos:

*Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante de meus olhos; cessai de fazer o mal. Aprendei a fazer o bem; atendei a justiça, repreendei o opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas (Is 1:16-17.)*

*Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama o suborno e corre atrás de recompensas. Não defendem o direito do órfão, e não chega perante eles a causa das viúvas (Is 1:23).*

Jeremias, entretanto, provê o jogo de palavras de um profeta anterior que mais se aproxima do utilizado por Zacarias:

*Assim diz o SENHOR: Executai o direito e a justiça e livrai o oprimido das mãos do opressor; não oprimais ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva; não façais violência, nem derrameis sangue inocente neste lugar (Jr 22:3).*

Essas palavras eram uma exortação. A resposta positiva daria ao povo uma posição diametralmente oposta ao cativo: as bênçãos da aliança seriam derramadas. Mas palavras semelhantes já haviam sido pronunciadas antes a todos os moradores de Judá:

*Mas, se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras praticardes a justiça, cada um com o seu próximo; Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar... (Jr 7:5 e 6).*



Para Smith “esses grandes termos: אֱמֶת (verdade), מִשְׁפָּט (justiça), רַחֲמִים (misericórdia) e רַחֲמִים (compaixão) lembram as palavras de Oséias, Amós e Miquéias<sup>55</sup>.

Baldwin vê nessas palavras princípios que deveriam regular os relacionamentos, “especialmente dentro da aliança (Os 2:19)”<sup>56</sup>. Além disso, para ele, as atitudes de exploração, contrárias a esses princípios já haviam sido muitas vezes condenadas pelos profetas (Is 1:17, 23; Jr 7:6, 22;3, 49:11, Ez 22:12), que voltavam na verdade ao ponto apresentado acerca desses fatores em Êxodo 22:21-24<sup>57</sup>.

As admoestações de Zacarias não são novas para sua audiência. Os elementos expressos por ele são desenvolvidos por vários profetas. Ao pressupor de sua audiência o conhecimento desses elementos, Zacarias está procurando preveni-los contra a repetição daquilo que causou a destruição de Israel. O verdadeiro jejum continuava sendo aquele que se origina na entrega genuína ao SENHOR. Essa entrega se demonstrava na religiosidade prática dos israelitas.

## ii) Resposta negativa de Israel e maldições da aliança (Zacarias 7:11-14)

11. *Eles, porém, não quiseram atender e, rebeldes, me deram as costas e ensurdecaram os ouvidos, para que não ouvissem.*

12. *Sim, fizeram o seu coração duro como diamante, para que não ouvissem a lei, nem as palavras que o SENHOR dos Exércitos enviara pelo seu Espírito, mediante os profetas que nos precederam; daí veio a grande ira do SENHOR dos Exércitos.*

---

<sup>55</sup> Smith. *Word Biblical Commentary*, 225.

<sup>56</sup> Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 119.

<sup>57</sup> *Ibidem*.



13. *Visto que eu clamei, e eles não me ouviram, eles também clamaram, e eu não os ouvi, diz o SENHOR dos Exércitos.*

14. *Espalhei-os com um turbilhão por entre todas as nações que eles não conheceram; e a terra foi assolada atrás deles, de sorte que ninguém passava por ela, nem voltava; porque da terra desejável fizeram uma desolação.*

## **ii a) O contexto da Aliança**

Esta subseção descreve a atitude dos que não ouviram a exortação do Senhor para a prática da justiça e da misericórdia. Como mencionado, os profetas eram, por definição, mediadores da aliança. Deste modo, seu papel estava atrelado automaticamente à aliança. O verso 12 afirma que os israelitas pré-exílicos não haviam ouvido “a lei”. Essa é uma referência ao Pentateuco e às estipulações da aliança contidas nele. Quando ocupou o lugar de Moisés na direção da nação, Josué foi instruído com relação à lei:

*Tão-somente esforça-te, e sê muito corajoso. Cuida em fazer conforme toda a lei que meu servo Moisés te ordenou; dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, para que sejas bem-sucedido por onde quer que andares (Js 1:7).*

A negligência para com as “palavras” enviadas “mediante os profetas” é a negligência para com a aliança entre Deus e o povo. Os versos em questão expressam com diversas figuras de linguagem a atitude rebelde contra o anuncio dos profetas e sua mensagem. Zacarias usa expressões semelhantes a de seu contemporâneo Neemias: “obstinadamente deram de ombros, endureceram a cerviz e não quiseram ouvir” (Ne 9:29). O intertexto original desta expressão encontra-se no Pentateuco:

*Disse mais o Senhor a Moisés: Tenho visto este povo, e é povo de dura cerviz (Êx 32:9).*



*Então Moisés imediatamente se inclinou à terra e adorou, dizendo: Senhor, se agora achei graça aos teus olhos, vá o SENHOR no meio de nós. Embora este seja povo de dura cerviz, perdoa a nossa iniquidade e o nosso pecado, e toma-nos por tua herança (Êx 34:9).*

Outros profetas utilizam essa linguagem ao referir-se à Israel. Ezequiel usa estes termos (Ezequiel 20:8). Jeremias também o faz ao dizer que os israelitas de seus dias “endureceram a sua cerviz” e “não quiseram ouvir” (Jeremias 5:3; 7:24-26 e 17:33)<sup>58</sup>. A tardança em ouvir por parte do Israel imediatamente anterior ao exílio babilônico é comparada por Jeremias às maldades de seus pais<sup>59</sup>:

*Tornaram às maldades de seus primeiros pais, que recusaram ouvir as minhas palavras; andaram eles após outros deuses para os servir; a casa de Israel e a casa de Judá violaram a minha aliança, que eu fizera com seus pais. (Jeremias 11:10).*

A aliança foi quebrada por Israel, por sua maldosa obstinação. Esta obstinação é algo conhecido da audiência de Zacarias. Em função disto, Deus se recusa a ouvir os rogos de Israel. Miquéias 3:4, afirma: “Então, chamarão ao SENHOR, mas não os ouvirá; antes, esconderá deles a sua face, naquele tempo, visto que eles fizeram mal nas suas obras”.

Jeremias alude à desobediência do povo como a causa da destruição de Jerusalém. Estes elementos estão presentes nas estipulações da aliança sinaítica:

*O SENHOR vos espalhará entre os povos, e restareis poucos em número entre as gentes aonde o SENHOR vos conduzirá. Lá, servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não*

---

<sup>58</sup> Smith, *Word Biblical Commentary*, 227.

<sup>59</sup> D. Wilton Thomas e Theodore Cuyler Speers em George A. Buttrick. *The Interpreter's Bible* (Abingdon, Nashville: Abingdon Press, vol. 6, 1956), 1084.



vêm, nem ouvem, nem comem, nem cheiram (Dt 4:27-28; veja também 32:26).

Essa conduta do povo o levaria ao desterro:

*O SENHOR te levará e o teu rei que tiveres constituído sobre ti a uma gente que não conheceste, nem tu, nem teus pais; e ali servirás a outros deuses, feitos de madeira e de pedra. Virás a ser pasmo, provérbio e motejo entre todos os povos a que o SENHOR te levará (Dt 28: 36-37).*

*O Senhor vos espalhará entre todos os povos, de uma até a outra extremidade da terra. Servirás ali a outros deuses que não conheceste, nem tu, nem teus pais; servirás à madeira e à pedra (Dt 28:64).*

O último instrumento de punição da comunidade infiel à aliança era o desterro. A consequência contígua a essa era a assolção, parte integrante do juízo contra Judá (eg. Jr 4:27 e 28; 7:34; 22:5; Ez 5:14, cf. 12:20; 15:18; Mq 6:16; 17:13). Seus efeitos foram grandes: “a terra foi assolada atrás deles, de sorte que ninguém passava por ela, nem voltava” (Zc 7:14). Este é um claro cumprimento dos anúncios proféticos: “*Pois assim diz o SENHOR: Toda a terra será assolada*” (Jr 4:27). Fausset argumenta que “como eles empurraram o jugo da obediência, Deus deixou a eles o jugo da opressão”<sup>60</sup>.

Zacarias deixa claro que a resistência obstinada aos rogos divinos conduziu o povo para o cativeiro babilônico e promoveu a destruição de Jerusalém e seu templo. A expressão “como um turbilhão” é utilizada para descrever a rápida queda de Jerusalém. Certamente esta expressão serve bem para descrever a brusca queda do estado de glória para o da miserável escravidão.

---

<sup>60</sup> A. R. Fausset em R. Jamieson, A. R. Fausset e D. Brown. *A commentary Critical, Experimental e Pratical on the Old and New Testaments* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, vol. 4, 1961), 682.



Baldwin apresenta o background da aliança para entender melhor o significado do castigo de Deus. Ela contrasta a condição da terra com as bênçãos prometidas por Deus (Gn 15:18; Êx 3:8; Lv 26; Dt 28; 34:4) com a condição do Israel destruído. Para ela, “a aparente retirada dos presentes da aliança, por parte de Deus, era a parte mais dura do castigo”<sup>61</sup>. Desta maneira, o momento da reconstrução de Jerusalém é também o momento crucial para a reconstrução da verdadeira religião israelita. Dentre as estipulações da aliança estavam presentes as prescrições quanto à restauração de Israel ao voltarem do exílio (Dt 30:1-10).

### **c) Classificação da intertextualidade de Zacarias 7**

O estudo dos intertextos do capítulo 7 de Zacarias revelou a importância de diversos termos de relevância à interpretação das passagens. As expressões “quinto mês”, “sétimo mês”, “setenta anos” e “profetas que nos antecederam”, juntamente com o tema do jejum aceitável e o contexto da aliança se relacionam e produzem o sentido do capítulo. O conjunto de idéias e expressões se interpõem de diversas maneiras. A classificação da intertextualidade auxilia na compreensão do sentido e na maneira do inter-relacionamento textual.

A intertextualidade em sentido restrito está claramente existente nas alusões tecidas por Zacarias a textos prévios. Textos efetivamente produzidos são utilizados em sua argumentação.

### **i) Intertextualidade de conteúdo**

A determinação do contexto da aliança em Zacarias 7, entretanto, não se limita à alusão da destruição de Jerusalém. Alguns temas como a obstinação do coração dos Israelitas pré-cativeiro, demonstrada na negligência com os órfãos, viúvas e estrangeiros, apontam para um discurso comum aos profetas que antecederam Zacarias. O ofício profético, entretanto, liga-os aos

---

<sup>61</sup> Baldwin. *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 121.



intertextos originais da aliança sináutica. O termo “lei” é uma referência direta ao Pentateuco e à aliança. Ali o descaso com as classes necessitadas estava descrita como ofensa a Deus. Esse descuido espiritual era parte integrante dos motivos pelos quais Jerusalém foi destruída. A referida negligência compunha o discurso profético de exortação do povo antes do cativeiro babilônico. Desta maneira, o conteúdo da proclamação profética, desde Moisés, é preservado através das referências ao comportamento ético aceitável de Zacarias 7:10. A negligência às assertivas proféticas conduziu o povo à destruição. Seguem-se três exemplos de intertextualidade de conteúdo:

- I. “Não oprimeis a viúva, nem o órfão, nem o estrangeiro, nem o pobre...” (7:10)
- II. “... e me deram o ombro rebelde, taparam os ouvidos...” (7:11)
- III. “...a terra foi assolada atrás deles...” (7:14)

A primeira expressão utiliza os rogos dos profetas que antecederam Zacarias e também o Pentateuco. Temas acerca da causa dos órfãos e viúvas estão presentes em textos como esses:

*Ele faz justiça ao órfão e à viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e vestes (Dt 10:18).*

*Mas, se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras praticardes a justiça, cada um com o seu próximo; Se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar... (Jr 7:5 e 6).*

A segunda referência é uma alusão à atitude de obstinação de Israel denunciada por diversos profetas e reiterada por Zacarias. Jeremias utiliza as expressões “*endureceram a sua cerviz*” e “*não quiseram ouvir*” (Jr 5:3; 7:24-26 e 17:33). Um contemporâneo de Zacarias, Neemias, utiliza a expressão “obstinadamente deram de ombros, endureceram a cerviz e não quiseram ouvir” (Ne 9:29). Todos estão ligados à expressão “dura cerviz” em Êxodo 32:9 e 34:9,





no episódio em que Israel se rebelou contra Deus, no monte Sinai. Porém o texto que melhor delinea o paralelo de conteúdo existente é Jeremias 11:10:

*Tornaram às maldades de seus primeiros pais, que recusaram ouvir as minhas palavras; andaram eles após outros deuses para os servir; a casa de Israel e a casa de Judá violaram a minha aliança, que eu fizera com seus pais.*

A terceira expressão alude a uma cláusula da aliança entre Deus e Israel, as maldições. A destruição é referida como sendo motivada pela obstinação de Israel. A maldição da aliança previa a destruição destacada no verso 7:14 de Zacarias:

*O SENHOR te levará e o teu rei que tiveres constituído sobre ti a uma gente que não conheceste, nem tu, nem teus pais; e ali servirás a outros deuses, feitos de madeira e de pedra. Virás a ser pasmo, provérbio e motejo entre todos os povos a que o SENHOR te levará (Dt 28: 36-37).*

A expressão de Zacarias 7:14, entretanto, é o cumprimento de Jeremias 4:27: “*Pois assim diz o SENHOR: Toda a terra será assolada*” Assim, os intertextos devem ser classificados como de conteúdo, pois aludem ao conteúdo profético prévio.

## **ii) Intertextualidade explícita**

Ao aludir aos testemunhos proféticos, Zacarias utiliza as seguintes expressões:

- I. “... ministério dos profetas que nos precederam...” (7:7)
- II. “... mediante os profetas que nos precederam...” (7:12)

Embora o discurso dos profetas acerca da causa das viúvas, órfãos e estrangeiros seja uma referência de conteúdo, o verso 7:7 de Zacarias faz referência à sua fonte: “profetas que nos



precederam”. Esta citação é a fonte de onde a idéia do jejum aceitável é retirada. A pergunta retórica em que a alusão está inserida indica isto:

*Não ouvistes vós as palavras que o SENHOR pregou pelo ministério dos profetas que nos precederam, quando Jerusalém estava habitada e em paz com as suas cidades ao redor dela, e o Sul e a campina eram habitados?*

A explícita menção da fonte da referência enquadra este intertexto no campo da intertextualidade explícita. A expressão do verso 7:12 é também uma alusão ao corpo da mensagem profética.

### **iii) Intertextualidade implícita**

A intertextualidade implícita ocorre quando se utiliza outro texto sem, contudo, se fazer a menção da fonte. A audiência deve recuperá-la na memória para construir o sentido do texto. Esse foi o caso demonstrado na análise dos termos quinto mês e sétimo mês. Os exemplos são:

- I. “Chorei eu no quinto mês, com jejum...?” (7:3)
- II. “Quando jejuastes, e pranteastes, no quinto e no sétimo mês...” (7:5)

A reconstrução do propósito do jejum do quinto e sétimo mês foi possível a partir da identificação do sentido de “setenta anos”. Ao se referir ao período do cativo babilônico, o termo conduziu à identificação destes jejuns no início do exílio babilônico. Os jejuns ocorreram então, em função de acontecimentos ligados à queda de Jerusalém: a destruição do templo (Jr 52:12 e 13) e a fuga para o Egito (2 Rs 25:25-26).

Embora o sentido e propósito dos jejuns tenham sido reconstruídos, ao utilizar “quinto mês” e “sétimo mês” Zacarias pressupõe o conhecimento prévio de sua instituição e observância.



O fato de o sentido do texto não ser uma alusão direta ao intertexto de origem, classifica esta alusão como intertextualidade implícita.

## **2) Zacarias 8:1-23.**

O capítulo 8 de Zacarias apresenta mensagens de encorajamento e um anúncio de que a destruição e desolação não eram o fim da história. Essas são mensagens bastante claras e muito significativas, especialmente no contexto em que são apresentadas.

### **a) O Zelo do Senhor e a Promessa da Salvação (Zacarias 8: 1-8).**

Nesta primeira seção o autor faz quatro importantes anúncios: Uma declaração de acerca de ação de Deus e Seu caráter: 8:1-2; E três promessas acerca da salvação e restauração de seu povo e sua cidade: 8:3; 4-6 e 7-8.

#### **i) O zelo do Senhor por Jerusalém (Zacarias 8: 1-2).**

1. *Veio a mim a palavra do SENHOR dos Exércitos, dizendo:*

2. *Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Tenho grandes zelos de Sião e com grande indignação tenho zelos dela.*

#### **i a) O Zelo do Senhor**

O tema do zelo do Senhor é freqüente no AT. Uma reminiscência clara a esse conceito ocorre em Êxodo 20:3-5, por ocasião do estabelecimento da aliança no Sinai. Ali Deus assume com Israel um relacionamento especial e estabelece as diretrizes desta relação. Entre elas está a



fidelidade a Deus, e a causa deste requerimento é Seu próprio caráter. “Eu Sou Deus zeloso” (v. 5).

Além disso, o zelo do Senhor para com Seu povo também seria a causa porque sua ira se acenderia e consumiria seu povo por ocasião da quebra da aliança:

*Guarda-te, para que não esqueças o SENHOR, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão... Porque o SENHOR, teu Deus, é Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do SENHOR, teu Deus, se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra (Dt 6:12 e 15).*

Esse esclarecimento se torna ainda mais explícito na renovação da aliança. Nesse evento, a destruição é colocada como uma maldição resultante da quebra da aliança.

*O SENHOR... fumegará a ira do SENHOR e o seu zelo sobre tal homem, e toda maldição escrita neste livro jazerá sobre ele; ... Porque desprezaram a aliança... Pelo que a ira do SENHOR se acendeu contra esta terra... (Dt 29: 20, 25 e 27).*

A palavra para zelar em Zacarias é זָנַן, no pretérito Piel, 1ª pessoa do singular<sup>62</sup>. Ela pode ser entendida como “ser invejoso, ciumento, ser zeloso, lutar com zelo”<sup>63</sup>. זָנַן é usada para zelo, um substantivo feminino singular<sup>64</sup>, indica “paixão, ciúme, ardor, zelo”<sup>65</sup>. Já a palavra

---

<sup>62</sup> Benjamin Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2ª ed., trigésima impressão, 2007), 662.

<sup>63</sup> Nelson Kirst, N. Kilpp e outros, *Dicionário Hbraico Português & Aramaico Português* (São Leopoldo, RS: Sinodal, 18ª ed., 2004), 215.

<sup>64</sup> Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 661.

<sup>65</sup> Kirst, Kilpp e outros, *Dicionário Hbraico Português & Aramaico Português*, 215.



usada para “indignação”, אַרְאָה, significa “calor, veneno, irritação, raiva, ira”<sup>66</sup>. Em algumas passagens as expressões “ira” e “zelo” aparecem lado a lado. Talvez por este fato, Baldwin sugere que a melhor tradução para “ira” é “fervor”<sup>67</sup>. Numa tradução literal: “Eu zelo por Sião com grande zelo e com grande ira [fervor?] zelo por ela”.

O zelo pela propriedade pode ser tanto pelos próprios bens, quanto pelo de outros. A palavra ocorre em três sentidos: Como característica de pessoas (Ec 9:6); Depreciativo: paixões hostis (Pv 27:4) ou zelo consumidor que se concentra na pessoa amada<sup>68</sup>. É usada contudo, maiormente, em referência ao relacionamento matrimonial. Nas Escrituras, Deus é um “marido ciumento” (Ex 20:5; Nm 25:11; Js 24:19). O zelo foi a causa do exílio (Sl 79:5) e foi também o motivo pelo qual ele cessou (Ez 16:42; 36:5-6; cf. Dt 30).

Isso indica que ele tanto pode ser bom ou mal, dependendo do objeto ou da causa. Seus resultados, portanto, podem ser mal e perdição ou bem e salvação. Neste contexto, o zelo do Senhor por Jerusalém indica salvação, pois Ele providenciou o retorno do Exílio (Is 42:13). Deus ainda, como será visto abaixo, “promove um relacionamento perfeito entre Ele próprio e Suas criaturas”<sup>69</sup>. Baldwin sugere que nas ocasiões em que o zelo de Deus aparece, ele “deve ser entendido em sua relação com a aliança”<sup>70</sup>.

Zelo é, portanto, um dos elementos que acompanham o contexto da aliança. Nesta ocorrência, Zacarias 8:2, ele é positivo, ou seja, em favor do povo de Deus e de Sua cidade. O sentido que Zacarias emprega aqui não é o mesmo das referências análogas. Ao passo que nas

---

<sup>66</sup> Ibid., 71.

<sup>67</sup> Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 122.

<sup>68</sup> Leonardes J. Coppes em Harris, Archer & Waltke, *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1349.

<sup>69</sup> Ibid., 1350.

<sup>70</sup> Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 122.



referências acima esse tema é apresentado num contexto de exortação à fidelidade, bem como numa advertência contra a desobediência, em Zacarias ele expressa o cuidado de Deus por Seu povo e o motivo pelo qual Ele o restaurará. Atitude que também pode ser observada como resultado da aliança sinaítica.

## ii) A promessa da volta do Senhor para Jerusalém e seu efeito sobre ela (Zacarias 8:3).

*3. Assim diz o SENHOR: Voltarei para Sião e habitarei no meio de Jerusalém; Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel, e o monte do SENHOR dos Exércitos, o monte santo.*

### ii a) “Habitarei”

O versículo oito é apresentado como a chave para a compreensão deste verso, pois ele indica uma clara referência ao contexto da aliança. As características que Jerusalém possuirá, apresentadas no versículo três, igualmente evocam os termos da aliança. Aqui a presença do Senhor garante a fidelidade da cidade – cidade da verdade. A vinda do Senhor para habitar na cidade, entre seu povo, lembra igualmente o episódio da aliança feita a Abraão. Ela se cumpre por ocasião do Êxodo e especialmente na aliança davídica.

Deus prometera libertar seu povo e ser o Seu Deus (Êx 6:7). Após a confirmação da aliança no Sinai (19:5 e 6) a grande expectativa da habitação de Deus com Seu povo é cumprida (Êx 25:8; 40:34-38), tendo como condição a obediência (Dt 29:12-13). Diante da desobediência e quebra da aliança no período que antecedeu ao exílio, Sua cidade foi destruída e Seu povo levado em cativeiro. Contudo, Ele promete voltar (Ez 43:7) e habitar novamente no meio de Seu povo.

A palavra habitar é *יָנַח* (*tabernacular*), a mesma palavra usada no contexto do estabelecimento da aliança e da promessa da habitação de Deus com Seu povo em Êxodo 25:8. Entretanto as maiores referências a este ato são vistas na aliança davídica e na habitação de Deus



no Santuário em Jerusalém. É destacado nas Escrituras que Deus escolheria o lugar de Sua habitação (Dt 12:21). Após construir o Templo e colocar nele a arca da aliança (I Re 8:1-11), Salomão afirma:

*Na verdade, edifiquei uma casa para tua eterna habitação... Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel, que falou pessoalmente a Davi, meu pai... dizendo: Desde o dia em que tirei Israel, o meu povo, do Egito, não escolhi cidade alguma a fim de ali estabelecer o meu nome; porém escolhi a Davi para chefe do meu povo de Israel... cumpriu o Senhor a Sua palavra... e edifiquei uma casa ao nome do Senhor, o Deus de Israel. (vs. 13,15-16 e 20).*

No capítulo onze, verso 13, Deus destaca que escolhera a Jerusalém. Essa cidade fora identificada em 8:1 (de I Reis) como Sião, a cidade de Davi. Essa relação é também bastante presente nos Salmos: Por exemplo: Sião como a cidade do Grande Rei (Sl 48:2), que será salva e reedificada (36:35; 102:16), a qual o Senhor ama as portas (87:2) e que foi escolhida por Deus para Sua habitação (132:13-14). Se nessas ocasiões ocorreu um estabelecimento primário, “interrompido” pela quebra da aliança, aqui em Zacarias acontece o restabelecimento desse privilégio.

## **ii b) “A Cidade Fiel”**

Deus promete ainda que “Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel” (v. 3). A palavra traduzida aqui como fiel, **אֱמֻנָה**, um substantivo feminino singular construto<sup>71</sup>, pode ser traduzida também como verdade, firmeza, constância, lealdade ou fidelidade<sup>72</sup>. Esta cidade perdera essa

---

<sup>71</sup> Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 159.

<sup>72</sup> Kirst, Kilpp e outros, *Dicionário Hbraico Português & Aramaico Português*, 14.



característica devido a sua prostituição (Is 1:21). Entretanto, o Senhor promete livrá-la dos seus inimigos e purificá-la. Em Isaías Jerusalém é identificada em 1:8 como a Filha de Sião, e será chamada de a “cidade fiel” (vs. 24-26).

Em 1:18 o pecado de Israel é comparado à escarlata e ao carmesim. Em 24:5 e 6, a contaminação é apontada como tendo sido causada pela transgressão à aliança eterna. Desse ato, sobrevieram então as maldições que assolavam a Israel naquela ocasião. A idéia de purificação presente nestes versos (1:24-26) indica uma mudança na atitude dos seus líderes: “Restituir-te-ei os teus juízes como eram antigamente, os teus conselheiros, como no princípio, depois, te chamarão a cidade de justiça, a cidade fiel” (v. 26).

## ii c) “Monte Santo”

Zacarias ainda chama a cidade de “o monte do SENHOR dos Exércitos, o monte santo.” (v. 3). Literalmente, o monte do Santo (הַר הַקְּדוֹשׁ). A palavra santo (קָדוֹשׁ) indica qualidade de sagrado, santidade<sup>73</sup>. Essa cidade é apresentada também em outros textos como santa (Is 48:2; 52:1) e como em Zacarias, identificada com o Monte Sião, a “cidade de Deus” (Sl 48:2).

Essa expressão “monte Santo” é um termo comum para se referir a Jerusalém e freqüente nos salmos e nos profetas. No Salmo 2, verso 6, ele expressa o lugar onde Deus constituiu a seu Rei; Em 48:2, é a alegria de toda terra; Em Jeremias 31:32, é o alvo da benção de Deus e a morada da justiça. Em Obadias 17, ele é o monte onde haverá livramento. As referências encontradas em Isaías são de particular importância, pois ali Jerusalém é apresentada em conjugação com a “imagem” do *Senhor dos Exércitos* (48:2). A menção de “monte santo”, conectada com a expressão “Senhor dos Exércitos”, como em Sl 68:16, pode indicar a posição

---

<sup>73</sup> Thomas E. McComiskey em Harris, Archer & Waltke, *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1320.





triunfante de Deus<sup>74</sup>. Ali essa cidade é designada como a “eterna habitação de Deus”. A possível conexão com Zacarias se torna mais evidente especialmente porque essa qualificação em Zacarias é acompanhada com a promessa da habitação de Deus. Ali a cidade está conectada também com a idéia do Redentor, que remirá Israel do exílio de Babilônia (47:4; cf. 48:17 e 20).

Dessa forma, as características da cidade conectam este texto ao anúncio de que a cidade que se tornara prostituta, foi purificada e será restaurada (Is 1:21 e 26). Essa purificação ocorreu na “fornalha da aflição” do exílio (48:10; cf. v. 20). Sobretudo essas características vinculam-se à idéia do “zelo do Senhor” apresentada nos dois primeiros versos (Zc 8:1 e 2). Sendo que a cidade é santa por causa do Seu Deus (Is 48:2), pelo Seu zelo para com ela (Zc 8:1 e 2) e para com o Seu nome, Deus a purificou. É pelo Seu zelo (ciúmes do que é Seu) que não permitiu que seu nome fosse profanado e Sua glória dada a outro (Is 48:10 e 11).

Champlin afirma que Jerusalém “virá a possuir as qualidades espirituais que os profetas vinham descrevendo, fazia séculos, como necessárias à vida e à existência”<sup>75</sup> (cf. Is 1:21; 2:3 e 11:19). É a presença de Deus que garante a ela essa característica. Visto ser um atributo de Deus, nos vários contextos em que “verdade” (ou fidelidade) aparece, torna evidente que “não há verdade no sentido bíblico do termo, i. e., verdade sólida, fora de Deus. Toda verdade procede de Deus e é verdade porque está relacionada com Deus”<sup>76</sup>. Jerusalém manterá essas características para com Seu Deus, pois Ele é o Deus da verdade<sup>77</sup>.

---

<sup>74</sup> Bruce K. Waltke, em Harris, Archer. & Waltke, *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 370.

<sup>75</sup> Champlin, *O Antigo Testamento interpretado*, 5:3679.

<sup>76</sup> Charles F. Feinberg em Harris, Archer. & Waltke, *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1116.

<sup>77</sup> Fausset, *A commentary Critical, Experimental e Pratical on the Old and New Testaments*, 683.



### iii) A promessa da longevidade e do sossego (Zacarias 8: 4-6).

4. Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Ainda nas praças de Jerusalém sentar-se-ão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu arrimo, por causa da sua muita idade.

5. As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão.

6. Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Se isto for maravilhoso aos olhos do restante deste povo naqueles dias, será também maravilhoso aos meus olhos? - diz o SENHOR dos Exércitos.

#### iii a) “Sentar-se-ão velhos e velhas”

Nos termos da aliança, entre as maldições que adviriam como conseqüência da desobediência a esses termos, estão o maltrato dos idosos pelas nações inimigas e a entrega dos filhos de Israel a outros povos. A idéia do cativo está visivelmente presente nestes termos da aliança. Após a descrição de uma série de maldições que adviriam pela desobediência, tais como fome, pestes, cerco, moléstias, pragas, coisas abomináveis como as mães comerem os filhos (vs 45-61), o cativo é apresentado como a maldição máxima, extrema: “... Sereis desarraigados da terra à qual passais para possuí-la. O SENHOR vos espalhará entre todos os povos, de uma até a outra extremidade da terra” (Dt 28: 62 e 63).

O cativo que a audiência do profeta Zacarias havia experimentado era claramente o cumprimento das maldições prescritas nos termos da aliança pelo Senhor. Nelas, o caráter da nação estrangeira que seria usada para punir o povo de Deus é exposto. A descrição que Zacarias apresenta da condição que Israel experimentaria, sugere que haviam experimentado na pele a maldade da nação inimiga. Os termos da aliança rezam que “o Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, como o vô impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás; *nação feroz de rosto, que não respeitará ao velho e nem se apiedará do moço*” (28:50) [grifo nosso].



### iii b) “Se encherão de meninos e meninas”

As cláusulas da aliança também delineavam que os filhos do povo seriam especialmente atingidos pela maldição do cativo:

*Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus... Virão todas estas maldições sobre ti e te alcançarão... Teus filhos e tuas filhas serão dados a outro povo; os teus olhos o verão e desfalecerão de saudades todo o dia; porém a tua mão nada poderá fazer (Dt 28: 15 e 32).*

Por outro lado, o arrependimento diante de tal maldição seria recompensado pelas bênçãos, que caracterizavam a reversão dessas conseqüências indesejáveis. Além de serem restaurados do cativo, o fato de “velhos” se sentarem nas praças em idade avançada, pode talvez indicar prestígio e respeito pelas suas personalidades. Mas certamente indica que eles alcançarão longos anos de vida na sua própria terra, que não serão interrompidos pelo cativo. Provavelmente uma confirmação da promessa feita no contexto da restauração: “... Nunca mais estrangeiros farão escravo a este povo” (Jr 30:8). A obediência garantia o sossego da nação (Jr 30: 10). A promessa de restauração acrescenta ainda a multiplicação da descendência:

*Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade dos céus, desde aí te ajuntará o SENHOR... [e te] introduzirá na terra que teus pais possuíram... e te fará bem e te multiplicará mais do que a teus pais (Dt 30: 4-5; veja também 28:11).*

Beuken reconhece na palavra *dwO* (traduzida como ainda ou novamente) um estereótipo de uma profecia de salvação<sup>78</sup>. Esse autor destaca passagens em Jeremias e Isaías onde esse termo “novamente” apareceu primeiramente: Jr 31:23; 32:15; 33:10,12,13; Is 14:1; 49:20; 56:8;

---

<sup>78</sup> Beuken citado por Smith, *Word Biblical Commentary*, 233.



Ele vai aparecer também em Zc 8:20<sup>79</sup>. Nesses versos há o destaque de uma situação de benefício posterior, apesar da condição desfavorável. Como em Jeremias 33:10 e 11: “... Neste lugar que vós dizeis que está deserto, sem homens nem animais... ainda se ouvirá a voz de júbilo e de alegria...”. E também em Isaías 1:14: “Porque o Senhor se compadecerá de Jacó, e ainda elegerá a Israel, e os porá na sua própria terra...”. A salvação já fora evidenciada, mas seria confirmada e ampliada pelos seus efeitos.

Portanto, nestas imagens ocorre a restauração da aliança [veja abaixo]. Se o cativo levou consigo os velhos e os filhos, a restauração da aliança traria a longevidade dos adultos (velhos) e o sossego dos jovens, e “a praça se encheria novamente” deles.

#### **iv) A promessa da salvação e da renovação da aliança (Zacarias 8: 7-8).**

*7. Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eis que salvarei o meu povo, tirando-o da terra do Oriente e da terra do Ocidente;*

*8. Eu os trarei, e habitarão em Jerusalém; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus, em verdade e em justiça.*

#### **iv a) “Salvarei”**

Como mencionado acima, o cativo era a última das maldições sobrevindas pela desobediência à aliança. No verso 7, o Senhor promete salvar a Seu povo. Esse é o verbo מוֹשִׁיעַ, “ajudar, salvar, socorrer, dar assistência”<sup>80</sup> e também significa libertar do cativo<sup>81</sup>. Ele aparece

---

<sup>79</sup> Ibidem.

<sup>80</sup> Kirst, Kilpp e outros, *Dicionário Hebraico Português & Aramaico Português*, 97.

<sup>81</sup> Baldwin, Ageu, *Zacarias e Malaquias*, 123.



na promessa feita aos que estavam no cativeiro: “Não temas, servo meu Jacó, diz o Senhor, nem te espantes, ó Israel; Pois eis que te livrarei [ מוֹשִׁיעַ ] das terras de longe e à tua descendência da terra do exílio...” (Jr 30:10).

A libertação foi uma promessa feita aos que estavam no cativeiro e aconteceria depois de terminados os setenta anos: “... Congregar-vos-ei de todas as nações e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor, e tornarei a trazer-vos aos lugares donde vos mandei para o exílio.” (Jr 29:14; cf 30:3). Essa promessa é ampliada no capítulo seguinte de Jeremias:

*Porque vem dias diz o Senhor, em que mudarei a sorte do meu povo de Israel e de Judá, diz o Senhor; fá-los-ei voltar para a terra que dei a seus pais, e a possuirão... Eis que restaurarei a sorte das tendas de Jacó e me compadecerei das suas moradas. A cidade será reedificada sobre o seu montão de ruínas, e o palácio será habitado como outrora (30:3,18).*

Contudo, os olhos do leitor atento podem se voltar para ainda mais distante e ver o jogo de idéias que pode ser encontrado neste texto. Especialmente, observando os três aspectos da aliança: Primeiro, as bênçãos como recompensa para a obediência. Segundo, as maldições estipuladas como conseqüências da desobediência deste pacto. E em terceiro lugar, a restauração da aliança<sup>82</sup>. Esse último aspecto é parte integrante do sistema da aliança.

A restauração da aliança fazia parte do quadro das promessas de redenção para aqueles que haviam transgredido a aliança, recebido a maldição (Dt 28:15, 45 e 49; 29: 27 e 28) e que se arrependeram:

*Quando, porém todas estas coisas vierem sobre ti, a benção e a maldição que pus diante de ti, se te recordares delas entre todas as*

---

<sup>82</sup> Estes três aspectos podem ser observados respectivamente na leitura de: (1) Lv 26:1-13; Dt 28:1-14; (2) Lv 26:14-39; Dt 28:15-68 e (3) Lv 26:40-15 e Dt 30:1-10.



*nações para onde te lançar o Senhor, teu Deus. E te tornares ao Senhor, tu e os teus filhos, de todo o teu coração e de toda a tua alma, e deres ouvidos à sua voz... então, o Senhor... mudará a sua sorte, e se compadecerá de ti, e te ajuntará de novo... Ainda que os teus desterrados estejam para as extremidades dos céus... [Ele] te introduzirá na terra que teus pais possuíram, e a possuirás; e te fará bem e te multiplicará mais do que a teus pais. (Dt 30:1-5).*

Na verdade, a promessa é condicionada pela conversão: “Quando, porém estas coisas vierem sobre ti... e te tornares ao Senhor, teu Deus... [Ele] mudará a tua sorte, e se compadecerá de ti, e te ajuntará, de novo, de todos os povos entre os quais te havia espalhado o Senhor, teu Deus” (Jr 30:1-3).

O verbo salvar em Zacarias aparece no particípio Hifil singular masculino<sup>83</sup>. O Hifil, no particípio causativo, poderia ser vertido como “aquele que obriga a salvar”. Essa forma dá ainda maior força à expressão. Pois quando entendido à luz do conceito da aliança, se poderia dizer que diante do pacto assumido, Deus obriga, causa uma situação de salvação. Ou ainda que as cláusulas estabelecidas na aliança levam Deus à ação da salvação da sua nação escolhida. Esse fato pode ser observado na própria asseveração de Deus, de que se quando estiverem em pecado, “... se confessarem a sua iniquidade e a iniquidade de seus pais... estando eles na terra dos seus inimigos, não os rejeitarei... antes, por amor deles, me lembrei da aliança com os seus antepassados...” (Lv 26: 40, 44 e 45).

#### **iv b) “Da Terra do Oriente e da Terra do Ocidente”**

As expressões “da terra do Oriente e da terra do Ocidente” parecem indicar a idéia de extremidades da terra, ou distância. Pois, é desses extremos que viriam as nações que levariam o

---

<sup>83</sup> Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 476.



povo em cativeiro: “O Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá...” (Dt 28:49). Além disso, e especialmente nesse contexto, a promessa da restauração expande o ambiente de compreensão: “Ainda que os teus desterrados estejam para a extremidade dos céus, desde aí te ajuntará o Senhor, teu Deus, e te tomará de lá” (30:4). Esse intertexto é claramente um indicativo da promessa de restauração. Portanto, mesmo que Israel houvesse sido levado para Babilônia, dali o Senhor o tiraria e o salvaria.

Essa idéia está presente também nos salmos. É importante notar também, que ali o salmista descreve os atos salvíficos de Deus, apesar das constantes desobediências. Tais ações divinas acontecem como resultantes da lembrança da aliança de Deus com seu povo. O autor diz: “Lembrou-se, a favor deles, de sua aliança, e se compadeceu... salva-nos, Senhor, nosso Deus, e congrega-nos de entre as nações...” (Sl 106:45,47). E ainda: “Digam-nos os remidos do Senhor, os que ele resgatou da mão do inimigo e congregou de entre as terras, do Oriente e do Ocidente, no Norte e do mar.” (Sl 107:3).

Embora os ambientes de salvação nos salmos sejam diferentes, essas expressões, assim como acontece em Zacarias, servem também para descrever a distância de onde o Senhor salvara a seu povo, como um favor de sua aliança. Portanto, seu uso neste profeta, parece indicar um uso comum dessas expressões entre os autores para se expressar a mesma idéia. E Zacarias igualmente as usa intertextualmente para indicar a distância de onde Deus salvaria a seu povo do cativeiro, embora aqui se conheça o lugar “específico” dessa libertação.

#### **iv c) “Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus”.**

Além da restauração à sua terra de origem, a própria aliança é renovada. Para tanto, a fórmula da aliança é mencionada: “... *Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus...*” (v. 8). Isto indica que Israel é trazido novamente a um relacionamento peculiar com Seu Deus. Ao longo das Escrituras Deus expressa através de seus profetas a idéia de um povo escolhido e que



experimental, na obediência a sua aliança, a sua presença e cuidado. Seu povo seria tanto a sua propriedade particular (Êx 19:5), um povo escolhido (Dt 7:6; 14:2), quanto Ele seria o Seu Deus (Ex 29:45).

As referências a este relacionamento especial aparecem no contexto da aliança com Seu povo, e especialmente na sua restauração, quando este pacto fora quebrado. Sobretudo, essa promessa feita por Zacarias é a repetição ou o novo anúncio de que ela será efetiva. Ela já havia sido proferida por Jeremias, no contexto da promessa da restauração do cativeiro: “Vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus” (Jr 30:22). E enfatizada no anúncio do estabelecimento da nova aliança: “Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que firmarei uma nova aliança com a casa de Israel... Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (31:31,33).

Ela também é repetida por Ezequiel, no mesmo contexto da promessa da restauração do cativeiro. Em Ezequiel, a nação de Israel é apresentada como um vale de ossos secos (Ez 37:11), mas que reviverá. Pois o Senhor a trará do cativeiro à sua “própria terra” (vs. 12-14). Ao restituí-la, unificá-la em uma única nação, Deus a purificará (vs. 21-23), trazendo-a a um novo relacionamento com Ele, onde “... Eles serão o meu povo, e eu serei o Seu Deus” (v. 23).

Embora a fórmula da aliança conjugada com a caracterização desse relacionamento pareça ser nova no uso que é feito por Zacarias, o conjunto de idéias pode ser encontrado também em Oséias. Ao descrever a desobediência de Israel, comparando-o como uma esposa cheia de adultérios e prostituições (Os 2:2,4), Deus promete castigá-la (vs. 5-13) e por fim, restaurá-la (vs. 14-23). Deus também assumiria um novo relacionamento com seu povo (sua esposa) caracterizado pelos mesmos elementos que aparecem em Zacarias, além de outros: “... Desposar-te-ei comigo em justiça, em juízo, e em benignidade, e em misericórdias; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor” (vs. 19 e 30).

Conquanto, como afirmado anteriormente, a caracterização do relacionamento não apareça ligada à fórmula da aliança como em Zacarias, o conceito dessa união é obtido pela





apresentação dessa fórmula, versículos depois da caracterização. O Senhor dirá à Lo-Ami, o terceiro filho da esposa adúltera: “... Tu és meu povo, e ele dirá, Tu és o meu Deus” (Os 2:23). Uma reversão do significado do próprio nome (1:9), ou seja, uma reversão da sua condição. Mas sobretudo, a confirmação de um *novo* relacionamento pactual.

#### **iv d) “Em verdade e Justiça”.**

A palavra “verdade”, que aparece em Zacarias como a primeira característica do relacionamento que Deus assumiria com seu povo, em Oséias ela é a quinta, de uma série de caracterizações ali apresentadas. Nesse segundo caso, a edição da Bíblia Almeida Revista e Atualizada a traduziu como “fidelidade”, tradução válida, pois ambos, “verdade” e “fidelidade” são significados aceitáveis para a tradução.

A segunda palavra usada por Zacarias,  $\text{קִדְּוָה}$ , que em Oséias é a primeira, é um substantivo feminino singular<sup>84</sup> e pode assumir um dos seguintes significados: justiça, inocência, honestidade, verdade, salvação (libertação) ou direito<sup>85</sup>. Ainda que a raiz dessa palavra tenha passado por uma progressão e apresente uma variedade de sentidos, conforme aponta Stigers<sup>86</sup>, Schienk afirma que ela “implica em relacionamento. Alguém é justo quando atende a certas exigências que outrem faz a ela em vista do relacionamento”<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 108.

<sup>85</sup> Kirst, Kilpp e outros, *Dicionário Hbraico Português & Aramaico Português*, 203.

<sup>86</sup> Harold G. Stigers em Harris, Archer & Waltke, *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1264 e 1265.

<sup>87</sup> Citado por Harold G. Stigers em Harris, Archer & Waltke, *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 1265.



Isto pode ser demonstrado em Oséias, onde Israel muda ou retoma seu foco de lealdade, de Baal para Deus (Os 1:16), o que é confirmado pelas outras promessas desse relacionamento, no qual o Israel restaurado terá a Lei (as exigências da aliança) no seu coração (Jr 31:33). Schienk continua em sua argumentação: “Esse vínculo entre justiça e salvação está arraigado de forma mais profunda no conceito de aliança.  $\text{רַחֲמֵי}$  é a execução da fidelidade da aliança e das promessas da aliança”<sup>88</sup>. Para Smith as palavras “verdade” e “justiça” caracterizam o relacionamento entre Deus e Seu povo<sup>89</sup>.

O background desses intertextos analisados demonstram que a promessa de Deus da salvação e restauração do Seu povo, no contexto do cativo, está firmada sobre o relacionamento assumido no pacto da aliança. Fazendo referências às promessas da aliança feita após o Êxodo (Êx 19:5), repetida em épocas posteriores (Jr 31:33), Baldwin afirma que a “libertação e a restauração da terra de Judá dependem da eleição e das promessas da aliança, como quando do Êxodo”<sup>90</sup>. Assim como o cativo fora resultado dessa aliança, a sua salvação e restauração, também o serão. Contudo, aqui, as bênçãos da aliança se sobressaem, pois o zelo de Deus em restaurar sua cidade, em salvar o seu povo e assumir com ele um novo ou renovado relacionamento, demonstra Sua fidelidade ao pacto.

#### **b) Reversão da Maldição da Aliança: Um Estímulo para Reconstrução e para à Reforma no Comportamento Ético (Zacarias 8:9-19).**

Já nesta segunda seção do capítulo o povo é exortado para o esforço na reconstrução do templo. Uma vez que seu fundamento já havia sido lançado, quando eles possivelmente ouviram

---

<sup>88</sup> Ibidem.

<sup>89</sup> Smith, *Word Biblical Commentary*, 234.

<sup>90</sup> Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 123.



os anúncios que o profeta repete em 8:1-8, seu dever era trabalhar para o seu término. O anúncio da reversão das maldições em bênçãos serve como justificativa para a exortação, bem como para que eles a atendam, ao fazer forte suas mãos (v. 13) e não temendo (v. 15), pois a ação do Senhor mudara para o bem. Como já mencionado acima, a restauração da aliança era parte integrante da aliança. Neste sentido, a reversão da condição do povo de Israel é cumprimento das promessas de restauração:

*Então, o Senhor Deus, mudará a tua sorte, e se compadecerá de ti, e te ajuntará, de novo... [Ele] te introduzirá na terra que teus pais possuíram, e a possuirás; e te fará bem e te multiplicará mais do que a teus pais... O Senhor, teu Deus, te dará abundância em toda obra das tuas mãos, no fruto do teu ventre, no fruto dos teus animais e no fruto da tua terra e te beneficiará; porquanto o Senhor tornará a exultar em ti, para te fazer bem, como exultou em teus pais. (Dt 30:3,5,9)*

É aqui também, no término dessa seção que aparece a resposta para a pergunta de 7:3: Assim como as maldições seriam tornadas em bênçãos, os jejuns instituídos por causas dessas maldições seriam tornados em motivos de alegria e regozijo.

#### **i) Exortação para a reconstrução e a reversão das maldições em bênçãos (Zacarias 8: 9-13.**

*9. Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Sejam fortes as mãos de todos vós que nestes dias ouvís estas palavras da boca dos profetas, a saber, nos dias em que foram postos os fundamentos da Casa do SENHOR dos Exércitos, para que o templo fosse edificado.*

*10. Porque, antes daqueles dias, não havia salário para homens, nem os animais lhes davam ganho, não havia paz para o que entrava, nem para o que saía, por causa do inimigo, porque eu incitei todos os homens, cada um contra o seu próximo.*

*11. Mas, agora, não serei para com o restante deste povo como nos primeiros dias, diz o SENHOR dos Exércitos.*



12. *Porque haverá sementeira de paz; a vide dará o seu fruto, a terra, a sua novidade, e os céus, o seu orvalho; e farei que o resto deste povo herde tudo isto.*

13. *E há de acontecer, ó casa de Judá, ó casa de Israel, que, assim como fostes maldição entre as nações, assim vos salvarei, e sereis bênção; não temais, e sejam fortes as vossas mãos.*

As promessas de diversas bênçãos nestes versos servem para o propósito de animar os construtores do Templo a se aplicarem na sua edificação. Elas servem como uma segurança de que poderiam confiar, pois a situação se reverteria. A mudança na condição de seu povo é apresentada com ênfase. O Senhor contrasta as maldições que haviam sofrido com as bênçãos que receberiam. Além disso, o povo é exortado a uma mudança no seu comportamento ético. Visto que seriam restaurados, as maldições tornadas em bênção, deviam amar a verdade e a paz (v.19).

O contraste é claramente uma linguagem do conceito de aliança, onde as bênçãos são apresentadas como resultado da obediência, comparadas às maldições, que adviriam da desobediência. Esse contraste “maldição x bênção” lista elementos que não são equivalentes. Isto é, não são em si “opostos” um ao outro. Isto sugere que o número de maldições é maior do que o ali listado, bem como o de bênção. Seguindo o jogo do texto, para as maldições listadas (v. 10), o leitor deve inferir a reversão em bênçãos, assim como no verso seguinte onde são apresentadas bênçãos, o leitor deve inferir maldições que aqui não são apresentadas.

#### **i a) “Os animais não davam lucro”**

O cativoiro foi o ápice de uma séria de maldições que vieram como resultado da desobediência. Haviam quebrado a aliança (Lv 26:25) e foram conduzidos à terra dos seus inimigos (v. 41), mas haviam sofrido também outras maldições. Entre elas estão a de que “os animais não davam lucro” e a de que “não havia paz”. A primeira delas parece encontrada na lista das maldições de Deuteronômio: “O teu boi será morto aos teus olhos, porém dele não comerás; o



teu jumento será roubado diante de ti e não voltará a ti; as tuas ovelhas serão dadas aos teus inimigos; e ninguém haverá que te salve” (Dt 28:31).

### **i b) “Não havia paz”**

A segunda maldição, das selecionadas para destaque, diz que “não havia paz”. A paz para o povo de Deus era uma promessa também condicional. Se houvesse obediência, haveria paz e a aliança seria então confirmada:

*Se andardes nos meus estatutos, guardardes os meus mandamentos e os cumprirdes... Estabelecerei paz na terra; deitar-vos-eis, e não haverá quem vos espante; farei cessar os animais nocivos da terra, e pela vossa terra não passará espada... Para vós outros olharei... E confirmarei a minha aliança convosco (Lv 26: 3,6 e 9).*

### **i c) “Sereis bênção”**

Contudo, diante dessas maldições, o Senhor promete reverter essa situação, apresentando as bênçãos em contraste com o estado anterior. Elas lembram a produtividade da terra, relacionada à dádiva da chuva. Lembram também a herança. Como dito acima, para essas bênçãos, devido ao jogo de idéias do texto, o autor deve inferir que haviam sofrido as maldições adversas a elas. Como respeito à produção da terra, a maldição da aliança rezava: “Farei que os céus sejam como o ferro [lembra o céu sem chuvas] e a vossa terra como bronze. Debalde se gastará a vossa força; a vossa terra não dará a sua messe, e as árvores da terra não darão o seu fruto” [lembram a esterilidade da terra] (Lv 26:19 e 20). Em Deuteronômio a maldição é repetida, contudo com a inversão dos elementos com os quais o autor compara os céus e a terra: “Os teus céus sobre a tua cabeça serão de bronze; e a terra debaixo de ti será de ferro” (Dt 28:23).

Essa condição apresentada por Zacarias já havia sido anunciada por Ageu, seu



contemporâneo. Essa descrição confirma novamente que as maldições prescritas no estabelecimento e renovação da aliança alcançaram aqueles que eram seus participantes e que, contudo, a desprezaram.

*Por isso, os céus sobre vós retêm o seu orvalho, e a terra, os seus frutos. Fiz vir a seca sobre a terra e sobre os montes; sobre o cereal, sobre o vinho, sobre o azeite e sobre o que a terra produz, como também sobre os homens, sobre os animais e sobre todo o trabalho das mãos (Ag 1:10 e 11).*

Por outro lado, a obediência ou o arrependimento, como pode ser visto em Zacarias, traria consigo a certeza da benção da produção:

*Se andardes nos meus estatutos, guardardes os meus mandamentos e os cumprirdes, então, eu darei as vossas chuvas a seu tempo; e a terra dará a sua messe, e a árvore do campo o seu fruto. A debulha se estenderá até à vindima, e a vindima, até à sementeira; comereis o vosso pão a fartar e habitareis seguros na vossa terra (Lv 26:3-5).*

*O Senhor te dará abundância de bens no fruto do teu ventre, no fruto dos teus animais e no fruto do teu solo... (Dt 28:11).*

A vide que devido ao castigo estava sem uvas (Jr 8:13) agora dará novamente o seu fruto. A terra que outrora era como ferro (Dt 28:23), dará a sua novidade. O céu que fora como bronze, dará o seu orvalho (28:11 e 12). E ainda, o povo que fora tomado de sua terra terá sua herança garantida: "... farei que o resto deste povo herde tudo isto" (Zc 8:12). Aqueles que perderam seus filhos ou cônjuges vêem a menção de uma remanescente que herdará essas bênçãos, dando a entender a certeza de continuidade, de uma descendência. Essas palavras demonstram uma reversão da maldição, que fora tornada em benção.



Aqueles que haviam sido uma maldição, motivo de assombro às nações (Dt 28:37; Jr 25:18; 42:18; 44:8 e 12; 49:13) são tornados em bênçãos. Esse contraste é claramente uma linguagem da aliança. Keil argumenta que a fórmula “ser uma maldição entre as nações” deve ser interpretada à luz de Jeremias 24:9; 25:9; 42:18 e 2 Reis 22:19, que descrevem estas previsões. Além disso, “tornar uma benção” está em harmonia com o papel que poderiam exercer como canais de bênçãos a outros. Esta seria sua fórmula de benção, assim como havia uma fórmula de maldição (cf. Gn 48:22 e Jr 29:22)<sup>91</sup>.

## ii) A mudança da ação divina: Motivo para não temer (Zacarias 8: 14-15).

14. *Porque assim diz o SENHOR dos Exércitos: Como pensei fazer-vos mal, quando vossos pais me provocaram à ira, diz o SENHOR dos Exércitos, e não me arrependi,*

15. *Assim pensei de novo em fazer bem a Jerusalém e à casa de Judá nestes dias; não temais.*

### ii a) “Me provocaram”

O contraste “bem versus mal” nestes versos evocam também as duas ofertas distintas da aliança, o bem indica vida e o mal, morte (Dt 30:15). O mal resultante da ira de Deus é vindo por causa da provocação. A provocação é algo lembrado por boa parte dos escritores bíblicos (e.g. Dt 9:7; 29:20. Jr 25:7; 32:30-31). A relação também entre a provocação e ira também é bastante presente (e.g. Nm 14:11,23; 16:30; Dt 9:27; 31:20; Ed 5:12; Sl 78:40,56; 106:7; Is 3:8; Ez 8:3). Nessas descrições, se destaca de forma especial o evento ocorrido em Cades Barnéia, na provocação à Deus diante a terra prometida. Esse evento chega a ser usado como sinônimo de

---

<sup>91</sup> Carl F. Keil em C. F. Keil e F. Delitzsch. *Biblical Commentary on the Old Testament: Minor Prophets*, Grand Rapids. MI: Eerdmans, vol. 2, 1965, p. 316.



incredulidade e provocação. Relembrado até mesmo no Novo Testamento (Hb 3:7-11, 16-19, cf. Sl 95:7-11 e Nm 14: 10-11).

Contudo, na forma e contexto em que a passagem é apresentada, parece que a melhor forma de entender essa “provocação”, é identificá-la com a que os levou ao cativeiro. O texto sugere um contraste entre o bem que será executado pelo Senhor: “*Assim pensei de novo em fazer bem a Jerusalém e à casa de Judá nestes dias*” e o mal que ele fizera antes. Como esse bem está relacionado ao processo de restauração do cativeiro, a maneira mais prudente de entender “mal” parece ser como a maldição que os levou ao cativeiro. Essa fora resultado da desobediência, “*quando vossos pais me provocaram à ira*”.

Essa argumentação encontra respaldo nas palavras registradas em Esdras: “Mas, depois, que nossos pais provocaram à ira o Deus dos céus, ele os entregou nas mãos de Nabucodonosor, rei de Babilônia, o caldeu, o qual destruiu esta casa e transportou o povo para Babilônia” (Ed 5:12). Portanto, essa compreensão de “provocação” à luz do cativeiro demonstra-se mais sensata do que vê-la meramente na história, ao longo da trajetória de Israel, especialmente no deserto. Como visto, foi essa atitude que levou o povo à Babilônia. Fato que ainda é confirmado pelas palavras do profeta Jeremias:

*Todavia, não me destes ouvidos, diz o SENHOR, mas me provocastes à ira... Eis que mandarei buscar todas as tribos do Norte, diz o SENHOR, como também a Nabucodonosor, rei da Babilônia... E os trarei contra esta terra... E contra todas estas nações em redor... Estas nações servirão ao rei da Babilônia setenta anos (Jr 25:7, 9 e 11; cf. 44:3; veja também 2 Cr 36:15 e 16).*

A ação divina para “fazer o mal” era uma das cláusulas da aliança. Essa ação viria, caso houvesse desconsideração para com esse pacto: “O Senhor não lhe querará perdoar; antes, fumegará a ira do Senhor e o seu zelo sobre tal homem [o desobediente], e toda maldição escrita





neste livro jazerá sobre ele...” (Dt 29:20). Ela havia sido também profetizada por Jeremias: “... Eis que voltarei o meu rosto contra vós outros para mal...” (Jr 44:11). A alusão à provocação dos pais sugere que essas promessas estavam destinadas a uma nova geração, não mais à primeira que causou a ira e que possivelmente já não existia depois de decorridos os setenta anos.

## ii b) “Fazer Bem”

Apesar do mal que haviam sofrido, Israel recebe a promessa de restauração. A ação divina é revertida para fazer o bem. Para Smith, “fazer o bem é frequentemente usado no contexto do concerto (Js 24:20; Is 1:17; Am 5: 6 e 14; Sf 1:12; Ez 36:11)”<sup>92</sup>. E, portanto, estes versos, mais uma vez confirmam o contexto da aliança como base para a interpretação desta seção. Assim como a maldição fora certa, o Senhor promete agora abençoar o Seu povo com o bem, com a vida: “Assim pensei de novo em fazer bem a Jerusalém e à casa de Judá nestes dias...” (Zc 8:15).

O castigo serviu-lhe para mostrar a conseqüência da desobediência, no entanto, o propósito do Senhor sempre foi de abençoar, trazer o bem e a paz. Na verdade, os dois resultados são colocados diante do povo para a escolha: a vida ou a morte, a bênção ou a maldição (Dt 30: 15 e 19). Ele dissera: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jr 29:11). Por isso, não deviam temer. Suas mãos deviam ser fortalecidas na obra da reconstrução do Templo (Zc 8:9) e na esperança da restauração, pois Deus estava operando o seu propósito para o bem.

## iii) Exortação para a mudança no comportamento ético (Zacarias 8 : 16-17).

*16. Eis as coisas que deveis fazer: Falai a verdade cada um com o seu próximo, executai juízo nas vossas portas, segundo a verdade, em favor da paz;*

---

<sup>92</sup> Smith, *Word Biblical Commentary*, 237.



17. *Nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso, porque a todas estas coisas eu aborreço, diz o SENHOR.*

Embora o propósito de Deus fosse manifestar bênçãos, o cumprimento destas promessas exigia uma resposta humana. Essa resposta é pedida na conduta daqueles com quem Ele entra novamente num relacionamento de aliança. Os versos apresentam uma ética que deverá reger o comportamento daqueles que estão sendo objetos das bênçãos de Deus. Zacarias repete aqui parte do comportamento que era esperado como uma demonstração da verdadeira religião, à semelhança do que o profeta dissera em 7:9. Essa é uma clara contraposição com a atitude de mero cerimonialismo que estavam até então desenvolvendo. Aqui, a oposição é feita aos maus comportamentos, como pensar mal contra o próximo e o falso juramento. Será analisada primeiramente a exortação contra a prática pecaminosa e a seguir, a prática que era aceita e esperada do povo de Deus.

### **iii a) “Nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo”.**

Após apresentar a ação esperada do povo, o profeta passa então a apresentar as atitudes que eles não deveriam assumir. Essa fraseologia mostrada acima provavelmente indique os atos de opressão ou de qualquer maldade que poderiam ser cometidos contra o “outro” (entenda-se próximo) na sociedade israelita. A opressão ao próximo já havia sido condenada pelos profetas anteriores. Moisés ordenara: “não oprimirás o teu próximo, nem o roubarás...” (Lv 19:13). Amós no oráculo contra Israel dissera: “... Porque vendem o justo por dinheiro, e o necessitado por um par de sandálias. Pisam a cabeça dos pobres no pó da terra, pervertem o caminho dos mansos...” (Am 2:6 e 7). Ainda que a expressão “pensar mal no seu coração contra o seu próximo” não apareça explicitamente nessas referências, os comportamentos aqui censurados certamente representam parte do que isso significava.



### iii b) “Juramento Falso”

O juramento falso era uma clara transgressão da aliança sinaítica. O decálogo é claro na proibição dessa atitude: “Não dirás falso testemunho contra o teu próximo” (Ex 20:16). Acerca dos juramentos, Moisés já havia sido anunciado que eles deviam ser cumpridos (Nm 30:2). Jeremias condenara os falsos juramentos, classificando-os como abominação e como um dos motivos que levaria o povo para o cativeiro. Além disso, Jeremias seque uma sequência que claramente nos remete aos dez mandamentos. Ele lista a transgressão a diversos desses mandamentos e inclui o falso juramento:

*Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente... e depois vindes, e vos pondeis diante de mim nesta casa que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações!... Visto que fazeis todas estas obras... Lançar-vos-ei da minha presença... (Jr 7:9,10,13 e 15)*

Uma sequência semelhante pode ser vista em Levítico. Nessa descrição, a proibição do juramento falso também está presente: “Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo; nem jurareis falso pelo meu nome, pois profanaríeis o nome do vosso Deus...” (19:11 e 12).

Oséias apresenta o juramento falso como um dos motivos para a destruição do rei de Israel: “Falam palavras vãs, jurando falsamente, fazendo aliança; por isso, brota o juízo como erva venenosa nos sulcos dos campos... Assim será o rei de Israel totalmente destruído” (Os 10:4 e 15). O próprio Zacarias, na sua sexta visão, apresenta o desterro como uma maldição sobre os que juram falsamente (Zc 5:3 e 4).

### iii c) “Falai a verdade” e “Executai o juízo”

A prática da justiça fora um elemento já anunciado na aliança abraâmica. Após estabelecer a aliança com Abraão e ao prometer que esse relacionamento era eterno (17: 7), que



ele seria pai de muitas nações (vs. 2-6) e herdeiro da Terra de Canaã (v. 8), Deus instituiu a circuncisão como sinal desse pacto (vs. 9-14, 23-27) e ainda promete um filho a Sara (18:1-15). Então o Senhor o afirma ter ordenado a Abraão e a sua descendência que guardassem “o caminho do Senhor e praticar a justiça e o juízo” (18:19).

Em Levítico, a ação do povo devia espelhar o caráter de Deus: “... Sede santos porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Lv 19:1). Essa santidade devia ser expressa de diversas formas, entre elas na prática da justiça no julgamento: “Não farás injustiça no juízo... com justiça julgarás o teu próximo” (v. 15). Em Deuteronômio o procedimento justo é novamente enfatizado: “Farás o que é reto e bom aos olhos do Senhor...” (6:18). Quanto à exortação ao falar a verdade, ela aparece em Levítico no sentido negativo. Ou seja, numa proibição da ação oposta: “Não furtareis, nem mentireis...” (Lv 19:11).

Zacarias aponta agora a prática que deveria reinar entre aqueles que haviam sofrido o cativeiro e estavam engajados na reconstrução do Templo. Como mencionado na análise de 7:8, o procedimento proposto pelo profeta era uma conduta ético-social esperada da religião de Israel: “... Executai o direito...” (Jr 22:3). Na verdade, essa atitude é apresentada como uma condição para a participação, ou sua continuidade, na herança da terra prometida: “... Se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras praticardes a justiça, cada um com o seu próximo... Eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais...” (Jr 7:5 e 7).

Essas eram expressões da verdadeira religião. Ouvir esses reclamos era superior ao oferecimento de hocaustos, bezeros, carneiros, de miríade de ribeiros de azeite, ou mesmo do primogênito (Mq 6:6 e 7). O próprio Senhor declarou o que esperava do Seu povo: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom. E o que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?” (v. 8). O clássico comentário de Jemieson, Fausset e Brown, entende que

*As bênçãos prometidas são conectadas com obediência. O concerto da Graça de Deus levará aqueles verdadeiramente abençoados*



*por ela à santidade... Religião consiste em conformidade com a natureza de Deus, que ama o que Deus ama e odeia o que Deus odeia*<sup>93</sup>.

#### **iv) A resposta à pergunta de 7:3: Os jejuns serão motivos de alegria (Zacarias 8: 18-19).**

18. *A palavra do SENHOR dos Exércitos veio a mim, dizendo:*

19. *Assim diz o SENHOR dos Exércitos: O jejum do quarto mês, e o do quinto, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes; amai, pois, a verdade e a paz.*

#### **iv a) Os jejuns do quarto, quinto, sétimo e décimo mês**

Aqui finalmente aparece a resposta mais específica de Zacarias à pergunta feita em 7: 3. No desenvolvimento de sua resposta o profeta não apenas responde se deveriam ou não continuar com o jejum no quinto mês, mas também apresentar qual é o verdadeiro “jejum” que Deus requeria. Demonstra que as atitudes assumidas até então levaram o povo de Israel à destruição. E ainda, apresenta as promessas de restauração e as bênçãos que desfrutariam. O profeta não menciona apenas os jejuns do quinto mês e do sétimo mês que já aparecem no capítulo anterior. Ele responde dizendo que tanto esses quanto o do quarto e do décimo mês seriam para eles agradáveis. Ao invés de lembrarem a destruição, esses momentos seriam para alegria.

Como afirmado na análise de Zacarias 7, o jejum do quinto mês provavelmente era a lembrança da destruição do Templo e de Jerusalém. O do sétimo mês provavelmente lembra a morte de Gedalias. O jejum do décimo mês possivelmente lembra o cerco que Jerusalém sofreu, no décimo mês de Zedequias. “Neste tempo”, diz Jeremias, “o exército do rei da Babilônia cercava Jerusalém...” (Jr 32:2). O profeta afirma que foi nesse mês também que se iniciou o

---

<sup>93</sup> Fausset, *A commentary Critical, Experimental e Pratical on the Old and New Testaments*, 685.



cercos: “Era o ano nono de Zedequias, rei de Judá, no décimo mês, [quando] veio Nabucodonor, rei de Babilônia, e todo o seu exército, contra Jerusalém, e a cercaram” (39:1). Já o jejum do quarto mês lembra a brecha que foi feita na cidade para a fuga dos homens de guerra, embora o exército inimigo os tenha alcançado: “Aos nove dias do quarto mês, quando a cidade se via apertada da fome, e não havia pão para o povo da terra, então a cidade foi arrombada e todos os homens de guerra fugiram...” (Jr 52:6 e 7).

Portanto, sugere-se que todos os jejuns mencionados estejam ligados ao cativeiro. O fato dos jejuns do quarto, quinto e décimo mês estarem arrolados com os eventos relacionados à tomada de Jerusalém e o cativeiro, é mais um indicativo do relacionamento também do jejum do sétimo mês com estes eventos. Além de coadunar-se com o contexto dessa seção, essa compreensão é sustentada pelas referências apresentadas na análise intertextual.

Zacarias responde à indagação dizendo que “o jejum do quarto mês, e o do quinto, e o do sétimo, e o do décimo serão para a casa de Judá regozijo, alegria e festividades solenes” (8:19). Mas deviam eles continuar a celebrar o jejum ou não? Quando se analisa as referências às solenidades, festas e alegria, se percebe que estão ligadas antes a momentos de comemoração do que a jejuns. Levítico 23 lista uma série de sete festas fixas que seriam santas convocações. A solenidade destes eventos é demonstrada pela menção de que se tratam de “santas convocações”. Essa menção ocorre para todas as festas (vs. 3, 4, 8, 21, 27 e 35), exceto para a das primícias.

Esse ambiente solene e festivo é destacado no verso 24 para a festa do pentecostes: “... Tereis descanso solene, memorial, com sonidos de trombetas, santa convocação” (v. 24). A festa dos tabernáculos também é enfatizada: “... Por sete dias, vos alegrareis perante o Senhor, vosso Deus”. Deuteronômio segue essa mesma ênfase: “... Celebrá-la-as [e]... alegrar-te-ás, na tua festa, tu e o teu filho, e a tua filha, e o teu servo...” (Dt 16:13 e14).

Já Amós conecta o ambiente de festas solenes com cânticos e melodias (Am 5:23; cf v. 21; 8:10). Além disso, a maioria das referências às festas está ligada a este mesmo clima comemorativo: Com banquetes e vinhos velhos (Is 25:6) e com cânticos, músicas e alegria no



coração (30:29). À luz dessas evidências pode-se subternder dessa resposta de Zacarias que Israel não deveria continuar na celebração do jejum do quinto mês (e dos demais) como memorial da destruição de Jerusalém. Esses momentos, contudo, deveriam ser tornados em festividades solenes.

Entretanto, a continuação desses jejuns e sua justificativa parece apontar para uma segunda alternativa possível para essa resposta. Ou os israelitas entenderam a indicação de Zacarias e não a seguiram, seguindo essa primeira proposta. Ou a menção de Zacarias não anularia a celebração dos jejuns, apesar de serem tornados em momentos de alegria. As evidências apresentadas acima parecem corroborar para a primeira alternativa. Especialmente quando consideramos a maneira como o jejum do quinto mês é celebrado no meio judaico. Ele apresenta indicativos visivelmente opostos aos de uma festividade:

*É proibido em Tishah B'Av banhar-se, comer, beber, rir, conversar e enfeitar-se... Não se trocam cumprimentos. A parochet (a cortina decorativa que cobre a Arca) é retirada antes do dia santo pois não é adequada para essa ocasião; muitas vezes se coloca um pano preto em seu lugar... O recitativo, num tom menor, consta do livro de Lamentações da Bíblia<sup>94</sup>. (Ênfase dos autores).*

É imposto um ambiente de contrição com leituras especiais, como Deuteronômio 4:25-40, que é lido pela manhã (*Shacharit*). “Essa porção que é uma luta renovada contra a pratica da idolatria, ela foi *selecionada pelos Rabbis* porque eles *acreditam que a idolatria foi a responsável pelo desastre que acometeu Israel*” [grifo nosso] e que os judeus deviam estar com estas conseqüências sempre em mente<sup>95</sup>.

---

<sup>94</sup> Ausubel, *Judaico: Conhecimento Judaico I*, 5:892.

<sup>95</sup> Kolatch, *This is the Torah*, 310.



Baldwin também vê em Zacarias 8:18 e 19 a resposta à delegação: Já que os tempos de lamento haviam passado, deveriam ainda se lembrar deles? Para essa autora estes versos são o cumprimento da profecia de Jeremias 31:10-14. Ali é anunciado que pela salvação do Senhor, haverá exultação e Ele tornará o “seu pranto em alegria” e transformará sua “tristeza em regozijo” (v. 13)<sup>96</sup>.

Ao ser a aliança restaurada, Israel devia manter os padrões de comportamento esperado dos participantes deste relacionamento. Isso é expresso nas palavras: “Amai a justiça e a paz”. Baldwin observa que apesar dos jejuns serem tornados em momentos de alegria, esta ordem “subjaz a toda aliança, e por isso também a ética desenvolvida sob a aliança como condição para as bênçãos”<sup>97</sup>. Fausset vê nesta ética uma resposta ao que Deus fizera pelo povo. Ele diz: “As bênçãos de Deus pactuadas [ou prometidas em aliança] a Israel não são feitas depender da bondade deste. Mas a bondade de Israel seguiria como a consequência das graciosas promessas de Deus”<sup>98</sup>.

### **c) O Efeito da Salvação de Deus Sobre as Outras Nações. (8: 20-23).**

Nesta terceira e última seção do capítulo o profeta anuncia qual será o efeito sobre as outras nações do cumprimento da promessa da salvação feita por Deus. A presença do Senhor, as bênçãos sobre Seu povo e sua prosperidade, os levarão a desejarem participar juntamente com Israel da aliança com o Senhor.

---

<sup>96</sup> Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias: Introdução e Comentário*, 127.

<sup>97</sup> *Ibidem*.

<sup>98</sup> Fausset, *A commentary Critical, Experimental e Pratical on the Old and New Testaments*, 685.





**i) As bênçãos sobre Israel levam outras nações ao desejo de participação da aliança (8: 20-23)**

20. *Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Ainda sucederá que virão povos e habitantes de muitas cidades;*

21. *E os habitantes de uma cidade irão à outra, dizendo: Vamos depressa suplicar o favor do SENHOR e buscar ao SENHOR dos Exércitos; eu também irei.*

22. *Virão muitos povos e poderosas nações buscar em Jerusalém ao SENHOR dos Exércitos e suplicar o favor do SENHOR.*

23. *Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco.*

**i a) “O favor do Senhor”**

O concerto renovado traz consigo as bênçãos da aliança. A obediência à voz do Senhor faria com que Israel fosse exaltado diante de todas as nações, pois veriam em Jerusalém o favor do Senhor. Nela veriam a própria presença do Senhor (v. 20). Esse fato atrairia tais nações e o propósito do chamado e eleição de Israel seria cumprido, como uma extensão do chamado e eleição de Abraão, pois nele seriam “benditas todas as nações da Terra” (Gn 12:3).

As bênçãos da presença do Senhor fora vista com Abraão (Gn 21:22), com Isaque (26:28) e seriam vistas também com todos os que fossem obedientes aos estatutos e mandamentos da aliança (Dt 28:10).

*O SENHOR te constituirá para si em povo santo... quando guardares os mandamentos do SENHOR... E todos os povos da terra verão que és chamado pelo nome do SENHOR ... O SENHOR te porá por cabeça e não por cauda; e só estarás em cima e não debaixo se*



*obedeceres aos mandamentos do SENHOR, teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e cumprir (Dt 28:9,10,13).*

É por isso que a aliança renovada não somente representa esperança para Judá, mas também esperança de salvação para todas as nações. Pois veriam ali as manifestações de Deus e O reconheceriam como o Senhor prometera por meio do profeta Ezequiel (ver 36:23) e desejariam servir-lhe juntamente com Israel (Zc 8:23). Fausset vê neste fato um símbolo de superioridade e também um reconhecimento dos privilégios religiosos dos judeus<sup>99</sup>.

Na descrição bíblica da promessa de restauração do cativo, as obras do Senhor para com seu povo, sua terra e sua cidade, demonstrarão a Sua presença e favor:

*Então saberão as nações que ficarem de resto em redor de vós, que eu, o Senhor, reedifiquei as cidades destruídas e plantei o que estava desterrado... saberão que eu sou o Senhor que santifico a Israel, quando estiver o meu santuário no meio deles para sempre (Ez 36:36; 37:28).*

A palavra para favor, פָּנָי, substantivo masculino plural<sup>100</sup>, indica face, semblante, rosto, etc., e conjugada com a expressão פָּנָי (sinal do objeto direto<sup>101</sup>) como aparece aqui significa “diante de, na presença de”<sup>102</sup>. Ou seja, ela lembra a graça ou benefício que um indivíduo pode ter diante de outro, neste caso, “diante da face do Senhor”.

---

<sup>99</sup> Fausset, *A commentary Critical, Experimental e Pratical on the Old and New Testaments*, 686.

<sup>100</sup> Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 628.

<sup>101</sup> Victor P. Hamilton em Harris, Archer. & Waltke, *Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento*, 139; Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 54.

<sup>102</sup> Kirst, Kilpp e outros, *Dicionário Hbraico Português & Aramaico Português*, 195.



O favor de Deus a Israel desperta nas nações o desejo de participarem da aliança com o Senhor, aqui, da aliança renovada (Zc 2:11). Baldwin vê este fato no ato de pessoas das outras nações pegarem na orla dos judeus<sup>103</sup>. E de acordo com o sentido do verbo utilizado, יִקְרָבֵם - pretérito Hifil, 3ª pessoa plural masculina<sup>104</sup>, “agarrar, segurar, tomar a si”<sup>105</sup> isto indica que não poderiam arriscar a soltar!<sup>106</sup> Ou seja, tal relacionamento era uma oportunidade que não podiam nem deviam desprezar. Além disso, de acordo com Baldwin, biblicamente a orla é um símbolo da proteção do casamento (Rt 3:9; Ez 16:8). Este é mais um elemento que aponta para a idéia de um contexto pactual nestes versos.

#### **a) Classificação da Intertextualidade.**

A intertextualidade neste capítulo é bastante evidente. Como feito no capítulo sete, seguiremos o modelo proposto por Koch e Elias, apresentado no primeiro capítulo, para classificação deste fenômeno nesse capítulo.

Como pode ser notado na análise realizada, o capítulo oito de Zacarias possui muitos intertextos. Uma vez que eles puderam ser verificados, e a própria leitura do capítulo despertou no leitor o seu reconhecimento, a intertextualidade neste capítulo é classificada como ocorrendo em sentido restrito. Ou seja, ela não é apenas aqui entendida como fazendo parte da natureza da língua, no sentido de que o autor não construiu seu discurso alheio a outros autores e discursos, mas o uso de outros autores e discursos é verificável. Reconhecendo que ela ocorre neste sentido, restrito, se passará então a designar em que tipo de subclassificação ela acontece. Serão providos

---

<sup>103</sup> Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 128.

<sup>104</sup> Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 177.

<sup>105</sup> Kirst, Kilpp e outros, *Dicionário Hbraico Português & Aramaico Português*, 67.

<sup>106</sup> Baldwin, *Ageu, Zacarias e Malaquias*, 128.



também exemplos para essa tarefa possa ser mais bem entendida e clarificada. Alguns intertextos poderão ser classificados em mais de uma categoria. Contudo, serão apresentadas justificativas para cada uma das categorias em que eles forem classificados.

### **i) Intertextualidade de Conteúdo.**

Aqui se verifica também a intertextualidade de conteúdo. Nas referências intertextuais é possível notar diversas palavras, expressões ou mesmo frases que são reconhecidas no uso em outros discursos e autores, especialmente nos profetas. Exemplos:

I. "... Antes daqueles dias, não havia salário para homens, nem os animais lhes davam ganho, não havia paz para o que entrava, nem para o que saía..." (Zc 8:10).

II. "Porque haverá sementeira de paz; a vide dará o seu fruto, a terra, a sua novidade, e os céus, o seu orvalho..." (Zc 8:12).

No primeiro caso, notamos que a situação que Zacarias está descrevendo fazem referência direta ao conteúdo das maldições da aliança. A situação que Israel experimentara fora, de acordo com o profeta, o cumprimento do anúncio das maldições experimentadas devido a desobediência à aliança. No segundo exemplo, aqui colocado intencionalmente, o profeta anuncia qual será o futuro para Jerusalém. Ele trata da restauração da aliança, que é acompanhada das bênçãos desse relacionamento. Portanto, como afirmado acima, esses intertextos são reconhecidos no conteúdo dos anúncios de autores precedentes.

### **ii) Intertextualidade Explícita e Implícita.**

A intertextualidade neste capítulo ocorre de forma implícita. Como já afirmado, muitos textos possam ser identificados em outros autores e discursos. Isto é feito pelo reconhecimento ou averiguação de intertextos recuperados na memória social. Não é feita aqui a menção de fontes



específicas no texto, que nos levem diretamente a outros autores ou textos. Zacarias, contudo, menciona uma fonte sobre o qual seu discurso também está ancorado, contudo sem identificar explicitamente a contribuição dessa fonte para a sua construção. Fato que seria necessário para que a intertextualidade fosse considerada como explícita, com a menção da fonte e do intertexto.

Entretanto, se a expressão “estas palavras”, *האלה*, um pronome demonstrativo plural comum<sup>107</sup>, “estes (as), esses (as)”<sup>108</sup> que aparece em 8:9, for entendida como se referindo aos versos posteriores (talvez também anteriores), as quais o profeta estaria repetindo, então a intertextualidade poderia ser também classificada como explícita. Embora não mencionado nominalmente, a referência aos profetas da reconstrução, pode ser entendida como uma referência a Ageu. Pois, em 8:10 e 12 Zacarias repete a menção da situação encontrada em Ageu 1:6 e 10. No verso 12 de Zacarias 8 à referência é uma reversão da situação, mas no verso 10 uma descrição da não satisfação do salário (Ag 1:6), que aqui é apresentado como se não existisse. Assinalaremos a seguir dois exemplos da ocorrência da intertextualidade implícita:

- I. “... Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel” (Zc 8:3).
- II. “... Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus...” (Zc 8:8).

Nos três exemplos apresentados, os intertextos são “estruturas” que poderiam ser recuperados na memória social da audiência do profeta e, que embora a fonte não seja mencionada, não é difícil imaginar que eles se lembrassem imediatamente delas quando ouvissem tais palavras. Especialmente ao considerarmos que Zacarias, tanto no capítulo 7 quanto no 8, faz diversas referências aos profetas anteriores, julgando que eles entenderiam quando assim dissesse.

---

<sup>107</sup> Davidson, *The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon*, 158.

<sup>108</sup> Kirst, Kilpp e outros, *Dicionário Hbraico Português & Aramaico Português*, 11.



No primeiro exemplo, como já demonstrado nas análises feitas acima, o profeta repete o anúncio da característica que Jerusalém possuirá após sua restauração, levando o ouvinte ou leitor, diretamente a esses anúncios primários, como ocorre em Isaías 1:26. Já no segundo caso, a fórmula a aliança, trata-se de um intertexto bastante conhecido e portanto, fácil de ser reconhecido. Mencionado especialmente nas ocasiões de renovação da aliança ou no anúncio da nova aliança, como ocorre em Jeremias. Sua alusão aqui, tanto lembrava estes momentos, como também comunicavam o seu significado para o ouvinte atual (os ouvintes de Zacarias), que o Senhor estava renovando sua aliança com Israel.

### **iii) Intertextualidade das Semelhanças.**

Em todo uso que Zacarias faz dos intertextos ele segue sua orientação argumentativa, logo a intertextualidade verificada aqui é a das semelhanças. Ela os usa na construção do seu discurso e, certamente por serem reconhecidos também pelos ouvintes, serviam para fundamentá-lo, ou mesmo conceder autoridade. Exemplos:

- I. “... Jerusalém chamar-se-á a cidade fiel” (Zc 8:3).
- II. “...Falai a verdade cada um com o seu próximo, executai juízo nas vossas portas...” (Zc 8:16).
- III. “... Nenhum de vós pense mal no seu coração contra o seu próximo, nem ame o juramento falso...” (Zc 8:17).

No primeiro exemplo, já citado em outra categoria, o profeta repete a característica que Jerusalém vira a possuir, já apontado, por exemplo, por Isaías (Is 1:26). No segundo e terceiro exemplos, o profeta repete o anúncio ético de profetas anteriores. Como em Jeremias e Miquéias o fazem para exortarem a prática da justiça: “... Executai o direito...” (Jr 22:3) e “... Que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?” (Mq 6: 8). E também a repreensão contra condutas inadequadas: “... Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente... e depois vindes... e dizeis: Estamos salvos; sim,



só para continuardes a praticar estas abominações...” (Jr 7:9 e 10). Portanto, essa intertextualidade é das semelhanças porque no seu uso Zacarias concorda com o intertexto que ele toma. Ou seja, eles servem para a construção do seu discurso e o ele reage a essas alusões de forma positiva, seguindo a mesma orientação argumentativa.

### **3) Contribuição da análise intertextual para a compreensão da seção estudada**

A demanda acerca dos jejuns do cativo é o tema dos capítulos 7 e 8 de Zacarias. A tarefa da exegese, ao lançar mão da intertextualidade oferece contribuições significativas. A resposta ao problema do jejum vai além do que poderia ser categorizado como simplista. A abordagem intertextual desse discurso identificou diversos intertextos que encaminham o interprete a discursos anteriores, encontrados nos profetas e no Pentateuco, especialmente no contexto da aliança. No capítulo sete se verificou que o tema dos “setenta anos” e do “jejum do quinto mês”, estão conectados à destruição de Jerusalém e ao cativo. Esses eventos ocorreram pela desobediência ao pacto da aliança, no qual Deus prometia conceder diversas bênçãos e dádivas ao Seu povo. Israel em resposta deveria oferecer exclusiva obediência a Ele. Por não satisfazerem às exigências desses termos, embora fossem admoestados diversas vezes pelos profetas, foram “espalhados como turbilhão”, sendo levados como cativos ao reino de Babilônia.

Já o capítulo oito se inicia com a apresentação do zelo do Senhor, termo também freqüentemente encontrado no contexto da aliança. O zelo por Jerusalém, que aqui é apresentada como a cidade que será caracterizada pela fidelidade, é o motivo pelo qual Deus promete restaurar Sua cidade e Seu povo. Ele promete salvá-los trazendo-os do cativo. Esses elementos são também freqüentemente encontrados em conexão com o tema da aliança. Assim eles devem ser entendidos neste contexto.

Essa verificação é confirmada pela apresentação da fórmula da aliança, que aqui indica uma promessa de sua renovação, anunciada especialmente por Jeremias e Ezequiel. Além disso, a reversão da situação de caos e desgraça que Jerusalém enfrentara, representa restauração da



aliança. Essa demonstração conecta o contraste “benção x maldição x restauração” com o capítulo sete. Ali a desobediência é mostrada como a razão do cativo. Esse castigo era a última da lista de maldições apresentada em Deuteronômio 28 (veja vs. 63 e 64).

Zacarias estava vivendo exatamente nessa situação. Como profetizado por Jeremias já havia vivido setenta anos de cativo (Jr 25:11; 29:10). Daniel já havia confessado o pecado de seu povo e suplicado o favor de Deus (Dn 9:1-19). Então “para que se cumprisse a palavra do Senhor, falada por intermédio de Jeremias”, Ciro decreta que todo o povo de Judá que estava cativo suba e edifique a casa do Senhor (Ed 1: 1-4). Esses acontecimentos cumprem os aspectos iniciais da restauração: A lembrança da aliança, a mudança da sorte e a restauração à terra de origem (Dt 30:1-5).

A restauração da aliança pressupõe a obediência de seus participantes. Além de uma renovação ou mudança das más ações praticadas contra o próximo. As promessas de Deus são culminadas com a de que os jejuns serão tornados em motivo de alegria, o que responde à indagação apresentada em 7:3. Essa alteração e a concessão das bênçãos despertam nas outras nações o desejo de fazerem parte da aliança de Deus com Seu povo.

Portanto, a análise intertextual demonstrou ser importante na interpretação bíblica. Se verificou que seu uso para a análise de Zacarias 7:1-8:23 tornou possível à expansão do estudo para além das “barreiras” do texto, quando entendido apenas como um código. Mas por outro lado, totalmente fundamentada e dirigida pelo texto, quando entendido como um ambiente de diálogo discursivo e produtor de significados. Significados estes que podem ser apreendidos na maneira como o autor constrói o seu discurso, especialmente quando este é composto também de outros discursos. Nessa análise percebeu-se que o texto de Zacarias está fundamentado essencialmente no contexto da aliança, chave que foi fundamental para a interpretação e compreensão da seção estudada.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para se realizar a averiguação intertextual de Zacarias 7:1-8:23 se considerou primariamente as questões históricas, que forneceram dados importantes para o estudo empreendido. Eles não apenas ajudaram a localizar no tempo o autor e o texto, mas, sobretudo nos indicaram um conjunto de fatos, conceitos e idéias que contribuíram grandemente para a localização dos intertextos.

O estudo das questões literárias adicionou elementos imprescindíveis para o embasamento das conexões textuais, especialmente ao se considerar que os oráculos proféticos formam um conjunto de anúncios que ecoam-se mutuamente, num jogo de conexões que usa um anúncio profético anterior para adicionar significado ao anúncio “atual”. Esse jogo não apenas era tencionado pelo autor, quanto servia para recobrar os conceitos na memória social dos seus interlocutores.

Em seguida, a análise intertextual ajudou a demonstrar que esta é uma prolífica metodologia para a compreensão do texto bíblico. Ao se adotar o método sincrônico de análise textual, se verificou a ocorrência de diversos intertextos na seção estudada. Alusões como “jejum do quinto mês”, “setenta anos”, “profetas que nos antecederam”, “não quiseram atender”, “espalhei-os... por entre todas as nações”, “verdade” e “justiça” lembram de forma enfática o cativo e suas razões. Lembram também os apelos que haviam sido feitos para que isso não ocorresse e o procedimento que era esperado dos que estavam num relacionamento de aliança com o Deus de Israel. Este fato demonstrou que esses intertextos estavam relacionados com o tema da aliança.

Já no capítulo oito, “zelos”, “salvarei o meu povo”, “eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus”, “a vide dará o seu fruto, a terra a sua novidade e os céus o seu orvalho”, “juramento falso” e “falai a verdade” são elementos que tornam o relacionamento do pacto ainda mais evidente. Se no capítulo anterior os intertextos mostraram as razões do cativo e os seus resultados, no oito, é a promessa da reversão das circunstâncias que preponderou. A promessa de



salvação e a exortação ao comportamento ético demonstraram que nas linhas desse capítulo ocorre a promessa do restabelecimento da aliança.

Essa constatação expandiu o grau de compreensão do texto. Foi possível observar a ocorrência de diálogos com outros autores e sugerir a possível intenção de Zacarias ao fazer uso de tais intertextos. A mensagem do profeta vai além de uma simples resposta à pergunta mencionada em 7:3 acerca da continuação da celebração do jejum do quinto mês. Ele apresenta a motivação que deveria fundamentar o jejum. Ademais, o jejum que para eles é razão de pranto, ocorreu devido à desobediência ao pacto da aliança. Por isso, sofreram setenta anos de cativeiro.

O anúncio da restauração desse relacionamento é para Israel um motivo de esperança. Deus promete restabelecer Seu povo, reafirmar com ele a aliança, conceder as bênçãos desse relacionamento e fazer de Israel uma nação de proeminência entre as demais. Essa proclamação serve de motivação para a exortação do profeta de que suas mãos deviam ser fortes para o término da reconstrução do Templo (Zc 8:9) e que não deviam temer (v. 13). O tema da aliança demonstra ser o pano-de-fundo de grande parte do anúncio do profeta nesta seção. Além disso, o vínculo com a aliança segue a linha característica dos demais profetas, especialmente os menores.

Em suma, três aspectos podem ser destacados nessa análise:

Primeiro: A demonstração da ocorrência da intertextualidade na porção estudada. Essa demonstração serviu para confirmar a ocorrência desse fenômeno nas Escrituras.

Segundo: Ao entender a intertextualidade como parte da própria natureza da língua, o exame das conexões textuais alcança maior significado. Pois se percebe que a interdiscursividade era tanto parte intencional do pronunciamento profético – ao comunicar a revelação de Deus e fazer uso da revelação já conhecida – como também parte da própria maneira como ele seria entendido. Uma vez que os intertextos deviam ser recuperados na memória social dos ouvintes ou na do interprete. Essa perspectiva ofereceu contribuição indispensável para a melhor compreensão do texto.



Terceiro: A partir da perspectiva mencionada no segundo aspecto, a análise intertextual considera a intenção do autor ao fazer uso de outros discursos e o efeito que esse uso gera para o entendimento do texto. Ao fazer isso, encontra assim sua legitimidade exegética. Ela é, portanto, uma metodologia que se alia significativamente ao empreendimento hermenêutico.